

Inventar —inventário

Cartas para
Édouard
Glissant

Inventar
—inventário

Cartas para
Édouard
Glissant

**MINISTÉRIO DA CULTURA, NUBANK
E INSTITUTO TOMIE OHTAKE APRESENTAM**

José Eduardo Ferreira Santos
com desenhos de Rayana Rayo

Inventar —inventário

Cartas para
Édouard
Glissant

INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**

Ao fim da tarde, no quintal do Acervo da Laje, o artista Zé di Cabeça (José Eduardo Ferreira Santos) dispõe, sobre um banco, pedaços de madeira encontrados na praia e, em cada um, pinta uma vela acesa cujas chamas oscilam em amarelo, laranja e vermelho. Essas madeiras, antes rejeitadas, trazem o tempo do mar, o trabalho das ondas e o atrito da areia. Recolhidas e pintadas, tornam-se testemunhas de um ciclo que envolve vento, sol, marés e mãos humanas. Reunidas no Acervo da Laje, as velas compõem uma paisagem luminosa que se renova a cada pôr do sol e convoca a memória material e imaterial do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Como diz a frase da poetisa e filósofa Adélia Prado, no ateliê do artista, “uma luz banha o mundo”: aqui, a luz não é apenas metáfora, mas presença concreta, um gesto votivo que acende memória e afeto.

Essa imagem inicial serve como um prelúdio às cartas reunidas neste livro. Escritas durante a residência artística de José Eduardo Ferreira Santos na Maison du Diamant [Casa do Diamante], na Martinica, as cartas constituem um corpo de pensamento e invenção em diálogo com o filósofo e poeta Édouard Glissant. A residência integrou a programação da mostra *A terra, o fogo, a água e os ventos – Por um Museu da Errância com Édouard Glissant*, apresentada no Instituto Tomie Ohtake, de 3 de setembro de 2025 a 25 de janeiro de 2026, e foi realizada em colaboração com o Édouard Glissant Art Fund, o Institut du Tout-Monde, o Museu Oscar Niemeyer e a Coleção Ivani e Jorge Yunes. Com a artista Rayana Rayo, José Eduardo viveu dias de trabalho e escuta na casa de Glissant, tecendo correspondências entre o quintal da Martinica e o quintal do Acervo da Laje, em Salvador. A residência, inscrita no contexto da Temporada França-Brasil 2025, foi uma experiência de atravessamento entre paisagens, idiomas e cosmologias, e deu origem a este conjunto.

As cartas nascem da experiência cotidiana e expandem o seu campo: começam pelo jardim, passam pela fogueira, atravessam o mar, os pássaros, as pedras, e voltam à casa. Nelas, José Eduardo escreve a Glissant como quem conversa com um amigo, mas também como quem inventa um

interlocutor que é presença e ausência. O filósofo é, ao mesmo tempo, destinatário e assunto, voz e silêncio. Há momentos em que o texto se dirige a ele, diretamente, e outros em que o toma como paisagem, objeto de reflexão ou metáfora. Essa oscilação confunde o leitor e o desloca, mas justamente aí se manifesta a natureza relacional dessa escrita: o diálogo é também uma forma de pensar, uma maneira de se aproximar daquilo que não se pode possuir, apenas compartilhar.

O conteúdo das cartas revela um pensamento em movimento. José Eduardo descreve a chegada à Martinica como uma travessia física e espiritual: fala do quintal como ecologia relacional, das fogueiras como rituais de presença, das plantas e dos pássaros como companheiros de pensamento. Há uma pedagogia da atenção em cada frase, uma tentativa de reaprender a escutar o mundo. A ideia de “inventariar sem tocar” aparece como gesto curatorial e ético: reconhecer a alma das coisas, respeitar seus ritmos e descansos, e perceber que memória e cuidado são inseparáveis. Em outro momento, nas cartas, o artista escreve que “a última palavra sobre a vida é a vida”, e essa afirmação parece atravessar os demais escritos, anunciando a continuidade das forças que animam o mundo, mesmo diante da perda e do exílio.

Ler estas cartas é acompanhar um processo de invenção poética e institucional. Cada uma delas é um fragmento de mundo, um ensaio sobre o tempo, um exercício de restituição pela linguagem. Em sua delicadeza, há uma força política: a de propor que museus e instituições culturais sejam espaços de cuidado capazes de acolher vozes e presenças que exigem gramáticas e temporalidades plurais. No gesto de escrever, José Eduardo devolve a quem o lê e, no limite, às próprias instituições culturais o desafio de se reinventar.

As cartas de José Eduardo Ferreira Santos, reunidas aqui sob o título *Inventar-inventário*, são, portanto, mais do que registros de uma residência artística. São testemunhos de uma ética do cuidado, de uma poética da errância e de uma pedagogia do encontro. São, também, um exercício

de esperança: nelas, escrever é acender uma vela sobre a madeira trazida pelo mar, é fazer da arte uma forma de continuidade; e da memória, uma forma de futuro.

Este livro existe graças à colaboração de muitas pessoas e instituições. O Instituto Tomie Ohtake agradece ao Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet); ao Nubank, mantenedor institucional do Instituto Tomie Ohtake; à SKY, na cota bronze; e à Fundação Norma y Leo Wertheim, na cota apoio. Expressamos nosso reconhecimento ao Institut français e ao Instituto Guimarães Rosa (Itamaraty), pela condução da Temporada França-Brasil 2025, e às empresas que integram o comitê de apoio à iniciativa: Engie, LVMH, ADEO, JCDecaux, Sanofi, Airbus, CMA CGM, CNP Seguradora, L'Oréal, TotalEnergies, Vinci, BNP Paribas, Carrefour, VICAT e SCOR. Estendemos nossos agradecimentos ao Édouard Glissant Art Fund, ao Institut du Tout-Monde, ao Mémorial ACTe, ao Center for Art, Research and Alliances e ao Museu Oscar Niemeyer. Agradecemos, ainda, a Alexandra Molloy, Cleusa Garfinkel, Coleção Ivani e Jorge Yunes, Beatriz Yunes, Laura Ning e Sarina Tang, pela generosa contribuição para a realização deste projeto e seus desdobramentos. Por fim, agradecemos à Sylvie Séma Glissant, pela generosidade em abrir a Casa do Diamante e por manter viva a presença de Édouard como pensamento e cuidado.

Instituto Tomie Ohtake

Cartas para
Édouard
Glissant

UM QUINTAL PARA GLISSANT UM JARDIM PARA ÉDOUARD GLISSANT

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, boa noite, *je m'appelle* José Eduardo.

Sou artista, fundador do Acervo da Laje, moro em Salvador (Bahia) e estou aqui como artista residente, a convite do Instituto Tomie Ohtake, do Glissant Art Fund, do Institut du Tout-Monde, do Museu Oscar Niemeyer e da Coleção Ivani e Jorge Yunes.

Cheguei à sua casa, ao seu quintal, aqui, na Martinica. Só de voos atlânticos, de São Paulo a Paris, foram treze horas, e de Paris para a Martinica, cerca de dez horas. E chegamos.

Quando os oceanos se encontram, as pessoas se encontram, ou vice-versa. Você faz pontes transatlânticas desde sempre, desde as lembranças das primeiras paisagens fixadas em nossas memórias.

Mas, para mim, a primeira paisagem é a casa, o quintal, onde o mar, a maré e o oceano são horizonte. Ter o infinito como horizonte nos torna mais desejosos de vida. O mar encanta. O azul do céu sobre o mar na Martinica é um feixe de luz infinita sobre um território, tal qual a luz de Salvador, de onde venho.

A vista da sua casa em Diamante [Le Diamant] é de tirar o fôlego: no horizonte, tem uma pedra, uma ilha monumental que se ergue como os mistérios do mundo diante do mar.

Paisagem límpida, sem borras.

Olhar o mundo daqui é uma experiência que muda tudo.

A Martinica é um lugar negro como Salvador.

Vi as mesmas plantas: cróton, cana-de-açúcar, fruta-pão, boldo, mirra, palmeira, *flamboyant*, xique-xique, cacto, mandacaru, flores as mais diversas. A mesma grandeza

verde do Recôncavo Baiano, quando chove: uma explosão de cores e tons verdes.

É impressionante que, mesmo atravessados por tanto sofrimento, esses lugares conservem uma força que nos oferece a beleza indizível de seus mares, céus, florestas e, também, de suas cidades.

Já comecei a falar demais, Seu Glissant.

Uma das minhas primeiras frases em francês para a Sylvie foi: "Puis-je arroser les plantes?".

E assim comecei a residência em sua casa, sua terra: dialogando com você a partir do seu quintal e de tudo o que ele carrega de você; a partir de seu amor ao mundo, à Martinica, às tantas pessoas que o amaram e que o amam, às tantas pessoas que se foram antes de você, e delas não temos memória; a partir do seu quintal, essa paisagem que deslumbra o mundo.

Em diálogo com o seu quintal, pedi licença e fiz dois gestos de reverência. O primeiro foi molhar o seu jardim no fim da tarde e no começo da noite, para que todas as vidas que aqui habitam – minerais, vegetais, humanas e espirituais – se alegrem com a minha chegada. As plantas retribuíram com um sorriso de orvalho; os pássaros cantam sem cessar, junto às cigarras e aos sapos, e, agora, estou no centro de uma sinfonia acompanhada pelas ondas do mar que batem à porta dos nossos quartos, ao sopé da montanha.

Hoje, depois de Vivian deixar a casa em ordem, seguimos ao *marché* com Sylvie. Digo "seguimos" porque estava também Rayana Rayo, artista de Recife (Pernambuco) e companheira nesta residência: amiga muito querida, artista enorme, uma pessoa que já conquistou o mundo com seu jeito de ser.

Em segundo lugar – força do hábito já ancestral aonde chego e tem quintal ou roça –, faço uma pequena fogueira para anunciar que ali habitam por alguns dias algumas pessoas, duas especificamente, que farão aquilo que se chama de residência artística. No meu caso, o jardim e a fogueira já são os inventários da minha residência artística junto a você, Glissant.

Já que o mar é um dispositivo de encontro, o mesmo dispositivo está nas fogueiras e nos quintais.

Chego aqui após a abertura da minha primeira exposição individual no Pivô Salvador: *Porto das sardinhas - Zé di Cabeça*, com curadoria de Ramon Martins. Foi a primeira vez que não me envolvi na curadoria, só obedeci, e o resultado foi impressionante: monumental, com as devidas proporções, como o horizonte que se descortina da sua casa, Glissant.

Por pragmatismo, acendi a fogueira para afugentar os insetos e anunciar nossa presença. No registro poético, veio a memória dos festejos juninos nordestinos e das fogueiras sempre acesas. Há poucas semanas, acendi uma também na Serra do Padeiro, em Buerarema, com Amanda Sammour e Duda Kuhnert, da Trovão Mídia, enquanto gravávamos a segunda temporada do podcast *A parte pelo todo*.¹

Em três pequenos vídeos, capturei a fogueira - chama breve, mas insistente - no seu quintal. Ela acendeu em mim a certeza de que nem a morte a apaga: a última palavra pertence à vida. E, como diz Adélia Prado, “uma luz banha o mundo”.

A luz da fogueira diante do mar escuro, na noite da Martinica, é um encontro inicial que se amplia no tempo. Assim, te peço licença, Glissant, para começar esta residência e inventariar teu quintal.

Na verdade, vou inventar-inventariar esse quintal contigo, para ti.

Em Salvador, plantei frutíferas, pois Vilma e eu também temos um quintal diante do mar. No teu, o coqueiro já frutifica; no nosso, só no tempo. E assim a vida segue em ciclo: plantar, ver crescer, colher, comer e plantar de novo - pacientemente, o ciclo da vida.

As paisagens são...

Ah, neste inventário do fogo, quero desenhar tudo que brilha, tudo que tem luz, tudo que diz de nós, dos nossos brilhos de olhar e de viver.

O inventar-inventário é...

1 A PARTE PELO TODO. [Locução de]: José Eduardo Ferreira Santos. Podcast. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/liWvque7jiDZIQEMeLm2YY?si=c60642e00a3f4245>. Acesso em: 27 out. 2025.

No jardim, as conchas do mar.

No mar, as presenças do jardim.

E, no meio de tudo isso, a minha primeira travessia transatlântica neste ano em que completo 51 anos de vida.

Aqui, na Martinica, em frente à sua casa, Glissant, o Mar do Caribe e o Oceano Atlântico se encontram. E neste momento, eu, que vim de Salvador, Bahia, e te conhecia só pelos livros, agora estou sentado em sua varanda escrevendo esta carta como quem documenta o assombro do que é a beleza de uma vida, de toda vida, da vida.

Nós fazemos as mesmas coisas, Glissant: inventariamos o mundo ao nosso redor. Inventariamos os nossos mundos para os nossos, com museus, casas, encontros, livros, exposições, curadorias, ideias.

Pensamos o mundo a partir de nossas casas, de nossos territórios – um gesto de rebeldia intelectual que, ao fim e ao cabo, é de afeto.

Pensamos a partir do que nos cerca – mares, fontes, lamas, mangues, trilhos, plantas, sabores, cheiros, ondas e sons contínuos. Pensar o mundo desde nossa geografia afetiva é o que nos salva da destruição: cuidando da parte, do nicho, cuidamos do todo – e é daí que dialogamos.

É claro que dialogando com Paulo Miyada e Ana Roman, de quem sinto falta agora, quando me dou conta de que o Glissant fez e nos faz pensar a partir de sua geografia afetiva e amorosa e proximal, sem medo. O todo nos amedronta, mas, quando partimos do nosso pedacinho de chão, a revolução decolonial acontece, pois um quintal é, agora, um mundo e um horizonte, e seu espelhar-se no mundo provoca mudanças. Assim como o acervo.

Em Salvador, Vilma e eu temos um acervo. Chama-se Acervo da Laje, com duas casas e um galpão e muitas obras – tantas, que tenho até vergonha de lhe contar. É um acervo do nosso tempo e da nossa contribuição curatorial contracolonial, pois feito por nós a partir das nossas finitas condições financeiras, mas infinitas alegrias curatoriais e pedagógicas, mostrando a periferia em suas elaborações estéticas, memórias afetivas e materialidade das obras.

É um acervo sem saques, um acervo de afetos e obras com suas autorias e processos de aquisição justos.

Agora, assim como você que escreve livros, eu elaboro e crio obras de arte para inventariar o que ninguém jamais inventariou do meu território suburbano lá de Salvador.

Criar acervo e mantê-lo são tarefas monumentais, por conta da continuidade da sua criação, pois um acervo jamais para, fica estaque. Um acervo cresce quando se mostra e seu horizonte se amplia.

Hoje fui à praia e vi que a praia também é o seu quintal: trilhas, plantas, pedras, árvores, *flamboyants* e grandes lagartas que se tornarão belíssimas e efêmeras borboletas.

Nesta residência, faremos jardins dialogarem.

São jardins de dois homens negros, olhados e tratados com carinho, que desejam ensinar o mundo a olhar para outros homens negros com o mesmo afeto - um na Bahia, outro na Martinica.

A resposta para o mundo virá dos quintais, pressinto neste instante.

Por que nossas avós e nossos avôs cuidavam tanto dos quintais para nós? Porque a ecologia, antes de ser uma palavra ou um conceito, é uma relação. E é isso que precisamos aprender de novo.

Quando a vida urbana perdeu a noção do quintal como espaço de relação, "ecologia" virou rótulo para amenizar o estrago de empresas e países que destroem o mundo. Sem a ecologia como relação, perdemos o eixo do sustentável.

Por isso, ser decolonial em arte é também pensar o suporte: Zé di Cabeça o faz com o lixo, as madeiras descartadas, reaproveitando-as e apresentando-as ao mundo em forma de arte.

Poéticas como as que estão presentes nos quintais são preciosas contribuições para o mundo contemporâneo na sua incessante busca por ancestralidade e reversão das mudanças climáticas.

Poética do quintal aliada à poética do cuidado: só assim faz sentido - e nos confere cidadania plena. Foi o que vimos na Serra da Capivara (não é, Amanda Sammour?).

Há décadas, Niède Guidon e tantas pessoas da Serra vieram mostrando isso ao mundo em um dos maiores museus a céu aberto, com inserção social, políticas públicas, cidadania, pesquisa e presença acadêmica em chave revolucionária.

A Serra da Capivara, quintal poético do mundo, guarda fragmentos de história deixados por nossos ancestrais, para que os escutemos e estudemos.

Por hoje é só, Glissant, até amanhã.

A fogueira acalmou os insetos, o mar segue no seu vai e vem eterno e, agora, vou dormir um pouco - o corpo ainda sente a viagem, mas tudo o que vi já valeu.

Atenciosamente,
José Eduardo Ferreira Santos

GLISSANT É UM PÁSSARO?
GLISSANT É UM PÁSSARO QUE VOLTA,
CONTINUAMENTE,
PARA NOS ENSINAR A VIVER?
VOCÊ É UM PÁSSARO QUE TRAZ
MEMÓRIAS?

Glissant, boa noite, aqui te escrevo.

Estou cuidando da poética do seu quintal e, desde o início, tenho tido a companhia inseparável de dezenas de pássaros no *continuum* do dia e da noite, seguindo pela madrugada adentro.

Cuidar da poética é fácil: atrapalhar, escutar e fazer emergir já ajudam.

Nada de pirotecnias: ouvir a poética é permitir que ela se desdobre e se revele em toda a sua força e grandeza.

Glissant, por favor, me responda: você é um pássaro?

Se for, por isso preparou um jardim para o mundo?

Estou aqui pensando nas pessoas que criam jardins, parques, replantam florestas e combatem a devastação ambiental. São pessoas que entenderam certamente que os pássaros, mesmo que se adaptem aos grandes centros urbanos, querem árvores, parques e quintais.

Poetas são pássaros com cantos contínuos, sem medo de existir. E os pássaros amam quintais: ali concebem, criam e preparam as crias para o voo, com o cuidado de escolher o melhor para cada passarinho.

Fiquei sabendo, uma vez, que não se plantam frutíferas nas ruas por conta de problemas sociais e outros, e fiquei triste, pois quanto mais diversidade de frutas, mais vida (o argumento de não plantar frutíferas na rua pode ser melhorado, mas a vida muda: quando encontrei as pitangueiras perto do Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, o que mudou foi a minha vida).

Mas tudo isso é para falar da Poética da Relação a partir do quintal.

O quintal como dádiva e celebração.

O quintal como lugar dialógico e de aprendizagens intergeracionais.

O lugar da tessitura dos gostos e sabores é o Minimuseu Firmeza, em Fortaleza (CE).

Também em Fortaleza, na Escola do Pirambu, os pássaros do Chico da Silva e da sua escola de pintura ganharam o mundo com uma diversidade e uma loucura invejáveis.

Pássaros são entidades fascinantes, desde as origens.

Povoam os ares, mas também semeiam as terras, principalmente as mais necessitadas.

Com suas errâncias, povoam florestas, levantam-nas do arrasado da civilização e fazem com que os humanos olhem para o céu, para o infinito, e desejem mais horizontes.

Pássaros carregam as próprias gramáticas, os próprios léxicos e sinfonias. Por isso, nos fascina tanto.

Pássaros ensinam rituais contínuos.

Pássaros anunciam ciclos, novos tempos, catástrofes, mudanças, mas há pessoas que não os escutam...

Pássaros preferem criar hábitos - e *habitat* - em quintais, não em vidros espelhados e tristes, com os quais se chocam e morrem nos centros urbanos que, de grandes, só têm a megalomania.

Quando voltaremos a ensinar que quintais são modelos para uma ecologia relacional? Quando tiraremos o acúmulo dos nossos quintais para que eles voltem a cumprir as suas funções de sociabilidade e vida?

Há homens que de tão encantados com pássaros transformam-se neles: meu pai, José Silva Santos, o Cabeça, se encantou depois que todos os seus foram embora; ele, depois, seguiu o destino.

Esse fascínio pelos pássaros é contínuo e parece longo, imemorial. Quando comecei a pintar, comprei um livro de ornitologia brasileira que eu jamais pensei que existisse. Assim como as conchas, os pássaros têm "data de nascimento" de espécie - há livros e registros que contam isso.

No mundo, canções falam de pássaros - feliz sobreposição: canções que cantam sobre pássaros que cantam.

No Nordeste, de onde venho, Glissant, há “Carcará”, “Acauã” e “Asa Branca”. No Brasil inteiro, seria impossível listar quantas canções sobre pássaros existem: meu pai e seus compositores prestam atenção às aves com um amor incomum e generoso.

Já é quase meia-noite e não estou só, pois há tantos pássaros dialogando comigo aqui na sua casa, Glissant, que não poderia enviar outra que não esta carta que falasse de pássaros e quintais.

Agora, quero falar com você sobre a memória das paisagens - e nós dentro delas.

Hoje, em francês, falei da minha: “Je me souviens de la première fois où mon père m’a emmené à la cascade”. [Lembro-me da primeira vez que meu pai me levou à cachoeira.] Nos ombros do meu pai, vi pela primeira vez a avenida Suburbana, o Parque São Bartolomeu, as palafitas, as matas. Tudo isso ainda vive em mim como inscrição - memória impressa na pele e na alma de um homem negro com seu primeiro filho, também homem negro.

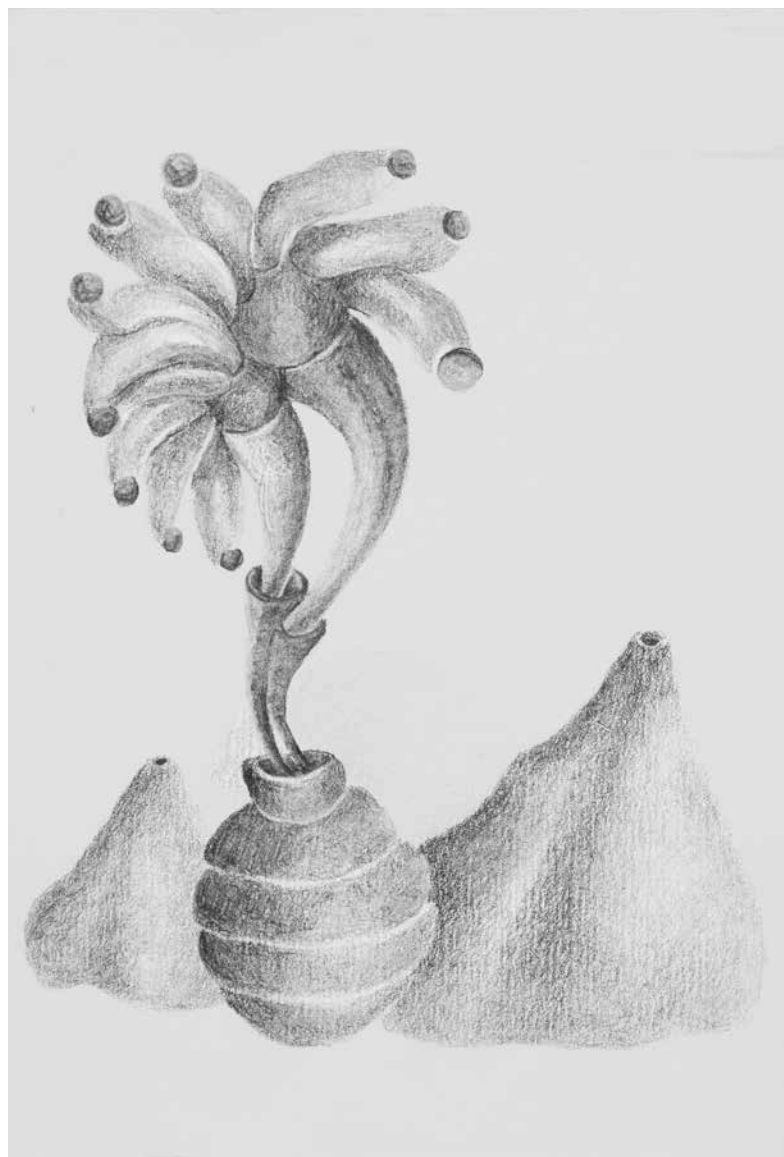
Um dos primeiros carinhos que meu pai me deu foi colocar-me nos seus ombros para ver o mundo, como nas esculturas da Coleção Ivani e Jorge Yunes, no Museu Oscar Niemeyer.

Nas minhas memórias, o ombro do meu pai me apresentou o mundo e suas paisagens - mas paisagem é tudo, e tudo muito complexo. Para fazer um recorte: naquele dia, naquele trajeto, quantos pássaros meu pai me ensinou a ouvir? Quantos pássaros passaram por nós? Quantos dialogaram conosco? Quantos surpreenderam meu pai?

Quando você, Glissant, fala dessa paisagem, o que cabe nela para que possamos dialogar?

Será que os pássaros podem caber nas suas paisagens?

Um grande abraço,
José Eduardo Ferreira Santos



TROCANDO FOLHAS E PLANTAS COM GLISSANT

Glissant, boa tarde.

Hoje, estruturei algumas obras que devo elaborar quando voltar a Salvador.

São *inventar-inventários* feitos com as madeiras de demolição encontradas em descartes ou nas marés que formarão paredes de obras multicoloridas.

O primeiro será o inventário das relações, com pinturas de mãos, bocas e olhos;

o segundo, o inventário da terra, com frutas, plantas;

o terceiro, o inventário da luz, com velas, fogueiras e tudo o que resplenda, e, por fim,

o inventário do mar.

Pronto, a partir daqui já tenho como que um plano de trabalho para até novembro.

Pela manhã, foi o momento de andar pelo quintal e procurar as folhas com as quais podemos trocar conhecimentos. De pronto, encontrei as folhas de boldo-miúdo, hortelã-grosso, mirra e boldo-de-jardim, todas elas também presentes no meu quintal, lá em Salvador, e delas me vêm à memória o olfato, os cheiros tão fortes e tão arraigados à minha experiência no meu território suburbano. Essas folhas afugentam doenças, insetos, curam ressacas e estão presentes em nossos jardins... e são sinais de presenças de pessoas negras que habitam os nossos continentes e de quem herdamos e damos continuidade a essas farmácias botânicas. Nós acreditamos que as plantas nos protegem de todo o mal. E elas estão perto de nós para nos cuidar.

"Édouard aimait beaucoup les fleurs" [Édouard amava muito as flores], disse Sylvie.

Há plantas mágicas e medicinais aqui. Poucas, mas há. Elas nascem, são plantadas, se escondem e estão à espreita de nós, pois as plantas também têm seus mistérios.

Pata-de-vaca ou mulungu: contra a diabetes da minha mãe. A mirra é um incenso que estava com os Reis Magos no nascimento do Menino Jesus - eles lhe levaram ouro, incenso e mirra.

As plantas são também formas de comunicação entre as pessoas.

Um quintal com plantas que nos protegem é um lugar poético de restabelecimento da vida. O quintal é um mundo restaurado. O quintal é uma ferida coberta, sarada.

No Acervo da Laje, em Salvador, muitas pessoas aparecem para pedir folhas medicinais para se curar das doenças. Ou mudas de plantas para povoar suas casas com elas.

A mirra no meio do quintal é um sinal de transcendência e de diálogo com a saúde plena, a que almejamos sempre. Ela é que embalsama o corpo, inebria o olfato e inunda o ambiente com seu perfume adstringente.

O boldo: para curar o fígado, os rins.

Um quintal restitui a vida.

Sylvie me contou que a casa está protegida por duas árvores, "les fromagers", ou queijeiras, ou sumaúmas.

E já que estamos falando de plantas que protegem, vou te contar esta que é uma das mais belas histórias de entrega da vida dos filhos às plantas: para ter saúde, deve-se enterrar o umbigo dos filhos e filhas em uma raiz de árvore frondosa.

Em algumas poucas comunidades tradicionais, esse umbigo pode ser plantado em locais com árvores e plantas específicas relacionadas à vocação que se espera da pessoa.

Qual é o papel das plantas na sua relação com as paisagens? Elas são definidas ou indistintas? Plantas, folhas, flores e frutos estão presentes nas suas memórias das paisagens? É possível *inventar-inventariar* o lugar delas nas suas paisagens?

Trocar plantas, folhas e mudas é um sinal de forte relação e socialização, não é, Glissant?

As plantas, com suas folhas, seus frutos e sementes, são as alquimistas do universo, responsáveis por transformar tudo.

Por onde eu passar, é preciso falar com as plantas: nomeá-las, desenhá-las, fotografá-las, aprender seus ritmos. Plantas nas entradas e nos quintais são um gesto inteiro de acolhida, sinal da generosidade de quem recebe. São um ofertório de saúde e de cura, um ofertório de sociabilidade, um convite para bem chegar e permanecer.

Marcelo Campos, curador carioca e professor universitário, sempre se lembra da primeira vez que chegou ao Acervo da Laje e foi como que recebido pelas plantas guiné. Inesquecível imagem.

Quantas incontáveis pessoas que iam e continuam indo buscar folhas medicinais no Acervo da Laje atualmente e antes, com Dona Antônia?

Uma das minhas práticas artísticas é frequentar quintais do subúrbio de Salvador para desenhar e registrar as espécies de plantas que ali vivem, como exercício de criação de memória e de produção de conhecimentoêmico, isto é, formulado a partir de nós. Essa prática é a de *inventar-inventariar* o jardim para que a memória de um lugar encontre outras memórias e outros jardins, criando ligações, aproximações e reforços mútuos. É nesse sentido que falo de quintais: nichos de vida que nascem de uma poética do cuidado e ensinam ao mundo que, em outras escalas, é possível viver.

Há palmeiras e coqueiros em seu jardim, Glissant, e sobre os coqueiros lembrei-me do querido compositor e cantor baiano Dorival Caymmi, que cantou os coqueiros de Itapoan,² na Bahia:

Coqueiro de Itapoan, coqueiro
Areia de Itapoan, areia
Morena de Itapoan, morena
Saudade de Itapoan, me deixa

Por incrível que pareça, estou diante da saudade, de frente para o mar, para as folhas, para as ondas e os

2 CAYMMI, Dorival. Saudade de Itapoan. In: CAYMMI, Dorival. *Canções praieiras*. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda., 1957.

coqueiros que buscam o alto, envergam, mas não quebram: uma metáfora de força adaptativa estratégica e não tão somente resiliente, mas inteligente.

Dorival Caymmi foi um compositor fundamental para compreender a minha terra, a Bahia, e para mostrá-la ao mundo. Com uma obra pequena em número de canções, mas imensa em profundidade, cada música sua é como uma sinfonia: o mar, os pescadores, o cotidiano, o folclore e a cultura popular aparecem ali com uma delicadeza quase sublime. Imagino que o encontro entre vocês dois, aí em cima, seria uma festa.

Estão apresentados: Caymmi e Glissant.

Diamante e Itapoan,

Martinica e Bahia,

Glissant e Caymmi:

dois coqueiros, dois jardins.

Um grande abraço,
José Eduardo Ferreira Santos

UM MAR PARA GLISSANT
UM MAR PARA MIM
A SUA CASA É UM MAR

De José Eduardo para Édouard Glissant
e quem vai ler depois dele

Durante o verão soteropolitano, muitas vezes, vamos até a praia do Alvejado passar o fim de tarde. Geralmente, Vilma e eu, com sobrinhas e sobrinhos, ou, às vezes, sós. Nos horizontes, temos a ponta da Penha, na Península de Itapagipe, e, depois, o frontispício da Ilha de Itaparica.

Aqui, em frente à sua casa, Glissant, temos a ilha da Rocha do Diamante [Rocher du Diamant]: imponente, grande, majestosa e enigmática.

O seu quintal é um portal de energias destinadas ao infinito.

Hoje - e talvez todos os dias em que eu passe aqui -, o mar será a maior lembrança que vou levar, por conta da sua presença superlativa e circundante, contínua e sempre surpreendente.

O mar.

Glissant,

os elementos transcendentais do mar estão à vista, insinuam-se a nós, como filetes de mistérios submersos, mas não se mostram.

Espreitam nosso desejo de mar.

Sylvie passou uma parte do dia conosco, conversando, almoçou, e foi um período muito bonito, pois falamos do jardim como um lugar importante para a vida coletiva e para inspirar outros movimentos...

Estamos dialogando cada vez melhor com o uso da tecnologia para transpor as barreiras da língua francesa, que não domino, confesso.

Estamos hospedados na Maison des Illustres, de Édouard Glissant, em Diamante, Martinica, que é assim definida segundo a publicação *Culture et patrimoine: que voir à la Martinique?*,³ da Fondation Clément (2024):

Le poète et romancier Édouard Glissant (1928 - 2011) a acheté, à la fin de sa vie, cette maison surplombant la mer, où il aimait séjourner, écrire face au Rocher du Diamant et recevoir ses amis, artistes et penseurs. Labellisée "Maison des Illustres" en 2022, elle perpétue le souvenir du penseur du "Tout-Monde" et son influence sur l'art contemporain en devenant en 2024 une résidence d'artistes, lieu de rencontres et de création. Elle abrite aussi la bibliothèque personnelle et la collection d'art de l'écrivain.

[O poeta e romancista Édouard Glissant (1928 - 2011), no final da vida, comprou esta casa com vista para o mar, onde gostava de ficar, escrever de frente para a Rocha do Diamante e receber seus amigos, artistas e pensadores. Chamada de "Maison des Illustres" (Casa dos Ilustres) em 2022, ela perpetua a memória do pensador do "homem comum" e sua influência na arte contemporânea, tornando-se residência de artistas em 2024, um espaço de encontro e criatividade. Também abriga a biblioteca pessoal e o acervo de arte do escritor.]

A casa tem três quartos: dois no andar de cima e um abaixo, uma suíte. Pintada de branco, acompanha o declive do terreno com leveza, como se sua arquitetura tivesse aprendido o ritmo do lugar. Há sala, cozinha, banheiro e uma varanda maravilhosa, de onde a vista alcança a ilha da Rocha do Diamante, que domina a paisagem. As

janelas, de vidro, em fileiras horizontais, deixam entrar a brisa e a claridade do mar. Cercada por plantas das mais diversas espécies, a casa é um verdadeiro quintal de Glissant – e, de fato, está escrito em uma pedra: “O jardim de Édouard”. Sob a grama verde e fofa, dezenas de pequenos caranguejos cavam seus buracos e circulam, discretamente, ao entardecer e à noite. As ondas do mar soam incessantes, e os pássaros, em seus cantos múltiplos, compõem uma sinfonia para ouvidos atentos à natureza. Na varanda, duas redes, sofás e cadeiras de madeira com almofadas fazem dela o espaço da fruição, diante da beleza infinita que se abre no horizonte.

Na sua generosa biblioteca encontrei o livro *Le Diamant d'Édouard Glissant*, de autoria de Valérie Marin La Meslée e Anabell Guerrero, publicado pela editora Philippe Rey e pelo Institut du Tout-Monde, em 2023. Nele, Sylvie apresenta o jardim:⁴

Son grand plaisir du petit déjeuner sur la terrasse était d'éplucher une orange, d'en prélever la peau en spirale délicatement, en une seule fois, avec un couteau “Chien”, il laissait le blanc tout autour, coupait l'orange en deux et aspirait le jus de ce fruit sucré de la Martinique, cadeau de Noël de son enfance. C'était son rituel pour accueillir le jour qui se lève, un jour de vie de plus, de beauté, avec cette capacité d'émerveillement incroyable d'Édouard, comme une naissance perpétuelle garante peut-être d'une forme d'éternité? Il vivait l'entour, le paysage, de manière très sensible. Il aimait son petit plant de piment, la mangue Julie, le fruit à pain qu'il mangeait bleu, c'est-à-dire pas trop mûr. “Il descendait dans le jardin tous les matins et allait voir son arbre du voyageur qu'il

avait lui-même planté, et lui parlait. Il l'a vu grandir, il est très haut maintenant.

[Seu grande prazer no café da manhã no terraço era descascar uma laranja, remover a casca em uma espiral delicada; uma única vez, com uma faca Chien,⁵ ele deixou a parte branca ao redor, cortou a laranja ao meio e sugou o suco dessa doce fruta da Martinica, um presente de Natal de sua infância. Era seu ritual dar as boas-vindas ao amanhecer do dia, mais um dia de vida, de beleza, com essa incrível capacidade de maravilhamento de Édouard, como um nascimento perpétuo, talvez garantindo uma forma de eternidade? Ele vivenciava o ambiente ao seu redor, a paisagem, de uma maneira muito sensível. Amava sua pequena planta de pimenta, a manga Julie, a fruta-pão que comia verde, ou seja, não muito madura. "Ele descia ao jardim todas as manhãs e ia ver sua árvore-do-viajante", que ele mesmo havia plantado, e conversava com ela. Ele a via crescer, ela está muito alta agora.]

O jardim e seus rituais de vida, sociabilidade, oferta e revelações.

O jardim e o mar se abraçam aqui, na Martinica.

O abraço do mar e do jardim.

Um mar incessante e um jardim calmo, silente.

O mar e o jardim dialogam o tempo inteiro e parece que dançam continuamente a mesma coreografia, ora turva, ora plácida, enquanto a Rocha do Diamante segue ali, impávida, silente, observando tudo, do alto dos seus milhares de anos.

5

N.E. A faca Chien é usada cotidianamente nas cozinhas das Antilhas francesas e da Guiana, sobretudo para picar ervas e preparar a "sauce Chien". Forjada em Thiers, na França, e difundida pelo império francês, ela condensa uma história de circulação colonial e padronização industrial que virou costume doméstico: presente de casamento, sinal de pertencimento e ferramenta de trabalho.

A Martinica me trouxe o mar de volta, Glissant.
O mar da infância, da alegria, da descoberta.
O mar da origem, o mar do início da vida.
O mar de Itacarânia, onde fui curado de uma doença nas pernas, ainda na tenra infância.

O mar que nos fazia sair de casa com nossa mãe e a meninada de toda a rua para ir à praia de Itacarânia, praticando o nosso primeiro nomadismo, a nossa primeira experiência nômade.

O mar do início, sem poluição, o mar...

A grande generosidade da Martinica é permitir esse abraço do mar.

Em todo canto, ele aparece: em meio às matas, no horizonte, em meio ao manguezal, do alto do avião, por todo lado, por todo canto.

Uma canção de Gilberto Gil, chamada "Beira-mar",⁶ começa assim e diz muito de mim:

Na terra em que o mar não bate
Não bate o meu coração
O mar onde o céu flutua
Onde morre o sol e a lua
E acaba o caminho do chão

E, Glissant, esse verso me derruba, de tão belo e sintético:

Na terra em que o mar não bate
Não bate o meu coração.

Um grande abraço, cheio de mar, do
José Eduardo Ferreira Santos

6

GIL, Gilberto. Beira-mar. In: GIL, Gilberto. *Louvação*. Rio de Janeiro: Gege Produções Artísticas, 1967.

A ALMA POÉTICA DAS COISAS

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, bom dia.

Hoje quero te falar sobre a alma poética das coisas.

Sim, pois as coisas têm alma, você bem sabe disso, mas é uma alma poética, daquelas que nos fazem descobrir filosoficamente a beleza escondida.

Nesse sentido, a alma de uma casa é a sua poética. Por isso, ela não é apenas casa, é uma poética tornada matéria. Para conter-se, precisa ser simples, sob pena de ostentar a própria grandeza e perder a intenção de acolher. Que seja casa, portanto, e que leve consigo, silenciosa, a sua alma poética.

Por isso, quando alguém diz “vou à sua casa”, não fala apenas da casa, mas da alma poética do lugar que você habita. Abrir essas portas é revelar um mistério e decidir com quem ele pode ser partilhado, porque mistérios não são banais.

Abrir a casa aos visitantes é confidenciar-lhes a alma poética das coisas e, para que isso aconteça, é preciso ter muita fé na humanidade e esperança nas novas gerações. Digo isso porque as novas gerações precisam aprender que uma casa não é somente uma casa, como se fosse algo sem alma, simplesmente funcional. Não. A casa também tem a sua alma poética (e é por isso que vocês não vão entender quando dissermos não à banalização que vocês fazem da casa).

Por exemplo, quem aqui viveu ainda está por aqui: o perfume e a presença são contínuos no tempo e atravessam a experiência da morte. Nem a morte apaga a alma poética das coisas, quanto mais a das pessoas. Quem aqui viveu deixou seu perfume eterno, seu sorriso e sua sabedoria como sinais de uma vida que se expande no mundo.

Os ventos levam a alma poética das coisas para outros lugares, em movimentos circulares e de expansão.

O vento leva, o vento traz.

Como aprendi na Serra do Padeiro: "São Lourenço, cadê o vento?".

O vento é forte e leva; ele traz, carrega, derruba, ergue. Ele, o vento.

E o vento espraia a alma poética das coisas por outros lugares, criando um campo simbólico múltiplo de vidas em torno dessa vida sua, Glissant, por exemplo.

Um livro carrega a alma poética das coisas. Assim como as sementes de *flamboyants* boiam na Martinica e brotam nas margens do mar e dos manguezais, teus livros vão fazendo nascer ideias e provocando diálogos, exposições, outras formas de diálogo a partir dessa mesma alma poética das coisas.

A alma poética das coisas está nesse pequeno pássaro que nos acompanha o tempo inteiro aqui na mesa da varanda, no café da manhã, almoço, janta e descanso, parecendo que quer conversar conosco e compartilhar os alimentos.

A alma poética das coisas está também nas plantas do jardim, pois a planta não é só uma planta: é mais que um organismo vivo, é uma vida cheia de poesia e mistério, com raízes profundas e orientação para o alto.

Ela está nos livros da sala que guardam anotações, obras - e foram amados e lidos ou lidos e amados.

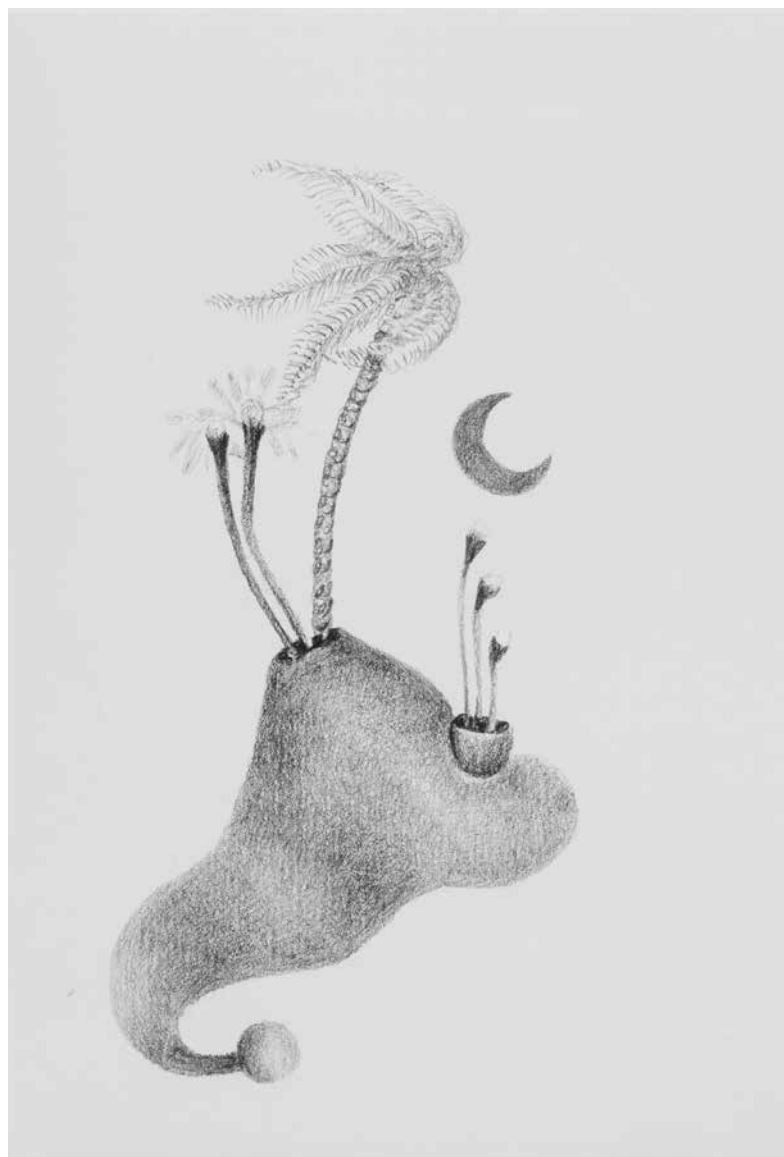
Está também nos segredos guardados sobre a vida na grama do jardim. À noite, essas vidas passeiam em silêncio e reverência.

Cada concha tem sua alma poética.

Cada pedra tem sua alma poética.

Tudo, enfim, tem sua alma poética, só nos resta procurar.

Um grande abraço,
José Eduardo Ferreira Santos



O PESO MÍSTICO DE CARREGAR O MUNDO

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, bom dia.

Estando aqui, tenho me lembrado de muitas coisas que vivi, e uma delas é essa ideia de carregar o mundo em mim – a sensação de ser uma espécie de cariátide nas bordas do mundo, sustentando-o. É sentir o peso místico de carregar o mundo.

Você já sentiu o peso místico de carregar o mundo, Glissant? Não o mundo-mundo, mas o mundo-imagem, imaginação, elaboração de sentidos a partir de nós e de nossa territorialidade...

Quando penso em carregar o mundo, penso logo em suas dores e seus conflitos, mas por que, se poderia senti-lo em seus amores e suas alegrias?

Desde jovem, senti e vivi o que chamei de *amor mundi*, ou seja, um amor incondicional pela coletividade e pelo mundo inteiro. Um afeto que me consumia muito, tanto nos pensamentos quanto nos sentimentos mais pueris.

Sim, eu já rezei para que as guerras cessassem.

Já chorei por aquele que morreram em chacinas, desastres, tragédias.

Já rezei pelas famílias desabrigadas de outros países.

Já sofri pela paz no mundo.

De tudo isso, carrego um pouco da estranheza de não saber por que sou assim. Mas já encontrei algumas pessoas que também parecem carregar o peso místico de sustentar o mundo – e talvez você seja uma delas, Glissant.

Mas entendi que, filosoficamente e só, não dá. É preciso elaborar esses sentimentos e essas percepções e talvez a arte seja essa possibilidade de enfrentar e tornar mais possível o peso místico de carregar o mundo.

O peso místico de carregar o mundo é um gesto de amor e dádiva.

O peso místico de carregar o mundo é um gesto amoroso.

Não carrega a beligerância de estadistas ociosos, podres por dentro, que nada têm a oferecer ao mundo senão seu ódio e seu egocentrismo tacanho.

O peso místico de carregar o mundo está nas entranhas da descoberta de si em relação às alteridades que encontramos; está na busca da felicidade, no desejo de viver, na generosa percepção de que a vida tem sentidos para além dela, sempre.

O peso místico de carregar o mundo é amoroso como um disco do João Gilberto, misterioso como um quadro de Rayana Rayo.

Em mim,
cozinheiras,
poetas,
artistas,
orixás,
e escritores sustentam o mundo.

Com um abraço, do
José Eduardo Ferreira Santos

A OBRA DE ARTE GANHA VALOR QUANDO SE ENCONTRA COM QUEM A AMA

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, bom dia.

Pelo que estou vendo, vivendo e sentindo aqui, você foi um cara que amou as obras de arte, certo?

Amou profundamente e incentivou artistas a criar, espalhando suas obras pela Martinica e por outras partes do mundo, certo? Porque a grande galeria e o grande museu são, ao mesmo tempo, o próprio mundo.

O amor à arte é um amor que consome e inquieta. E poucas pessoas sabem dessa relação de amor com as obras de arte.

No entanto, é preciso voltar e compreender que, muitas vezes, nem quem faz a arte tem plena consciência da sua grandeza.

A arte também é uma forma de comunicação – das mais valiosas. Há o valor financeiro da obra, mas há, sobretudo, o amor de quem a ama, e esse não tem preço: nasce do encontro e do reconhecimento de algo que excede as explicações humanas, concretizando-se na fusão de duas almas – a alma contida na obra e a de quem se descobre amando-a. Muitas vezes, o artista cria sem saber com quem a obra irá dialogar, porque esse desconhecido também faz parte do mistério da comunicação.

O que para o artista é um exercício de criação, para quem encontra a obra e a ama, funda-se uma relação que nos excede. Não há dinheiro que pague essa experiência de correspondência plena entre a obra e a pessoa que a ama integralmente. Por isso existem aqueles que estimulam a criação sem nada esperar em troca, e aqueles que se lançam ao desejo misterioso de criar sem saber o

resultado, oferecendo ao mundo uma contribuição que fará resplandecer a imaginação comum.

Cada artista deve se empenhar em contribuir com a imaginação do mundo, para torná-lo mais diverso, colorido, imenso, profundo, múltiplo, exuberante...

Fazer explodir a imaginação do mundo com a nossa arte e a nossa presença é um desafio.

Daqui da sua varanda, Glissant, é possível ver e antecipar a vertigem de perceber que a imaginação do mundo passa por nossas vidas e criações.

É por isso que criamos continuamente, sem amarras, o tempo inteiro.

Criar como quem vive, criar como quem respira.

E criar para povoar o mundo com arte e favorecer, com isso, os encontros que são possíveis e precisam acontecer, apesar dos imprevistos.

Criar como quem não se cansa de contemplar a ilha da Rocha do Diamante da varanda da sua casa, Glissant.

O exercício da criação é uma das maiores ousadias humanas, porque, a partir do verbo e da ação, a novidade emerge no mundo.

O verbo e a ação são forças da natureza que precisamos evocar para criar e existir.

Evocar é chamar as coisas pela sua alma.

Evocar é manifestar o desejo de existir.

Evocar é trazer existências incriadas.

Evocar é materializar imaginação, sonho e desejo de existir.

Um grande abraço,
José Eduardo Ferreira Santos

SEU DESEJO DE IR À BAHIA

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, boa noite.

Soube, por meio de Sylvie, do seu desejo de conhecer a Bahia - um desejo que, infelizmente, não se concretizou.

A Bahia é irmã da Martinica, e você se apaixonaria por Salvador. São cidades próximas no espírito, com um povo irmão. Nestes dias aqui, senti com força essa irmandade: está nas pessoas, nas plantas, nas paisagens, nos mares, nas florestas, nas plantações, nos manguezais, na comida e no modo relacional de se cumprimentar, conversando como quem já partilha uma intimidade antiga.

Salvador é uma cidade de maioria negra, e sua cultura reflete, em grande parte, essa ancestralidade, apesar das transformações geracionais, urbanas e tecnológicas. Cercada pelo mar, projeta-se para dentro no Recôncavo Baiano, onde persistem semelhanças marcadas pelas antigas plantações, pelo verde das fazendas e pelos engenhos de cana que ali existiram.

O intenso verde das matas me impressiona, e você se impressionaria com a beleza e as semelhanças entre as paisagens da Martinica e do Recôncavo Baiano, a despeito de suas dores coloniais.

A Bahia - como por muito tempo se chamou a cidade de Salvador - encantou inúmeros viajantes ao longo da história: fotógrafos, escritores, artistas, intelectuais e gente de toda parte. O fascínio nasce de sua ancestralidade contemporânea e pulsante, das elaborações culturais enraizadas nas matrizes afro-brasileiras e do sentimento de ser um lugar ainda em construção no mundo.

A Bahia é profundamente relacional, mas também é racista e colonial. Muitos "brancos" que se dizem pardos ocupam o poder, enquanto o povo negro permanece na base da pirâmide da pobreza. O racismo brasileiro e baiano é

atual, cruel e multifacetado, com letalidade crescente. Ali, você veria igrejas católicas, templos evangélicos e terreiros de candomblé, se encantaria com as festas, com o movimento negro, com as agremiações carnavalescas e com os debates que atravessam a cidade. Acredito que você teria amado conhecer a Bahia.

As comidas guardam semelhanças com as da Martinica pela presença abundante do mar, dos manguzeais e de seus frutos.

No almoço de ontem, fomos a um restaurante à beira do manguzeal e tudo foi maravilhoso. O lugar me levou de volta à minha rua, no Subúrbio Ferroviário, ao Porto das Sardinhas, à praia do Alvejado, às comidas e aos caldos de Vilma, ao Restaurante Boca de Galinha - sobretudo, querido Glissant, porque Sylvie nos contava sua memória afetiva e gastronômica naquele restaurante e os pratos que você amava. No meio da conversa, soube do seu desejo de conhecer a Bahia e de como isso não se realizou por causa da enfermidade.

E o fato de eu estar aqui é, para mim, um mistério. Perdoe a personificação, mas, como baiano, sinto que a Bahia veio até aqui para te conhecer melhor. Em novembro, Sylvie irá à Bahia e, pode confiar, a sua memória estará conosco nessa viagem - e permanecerá entre nós depois dela.

Descobri outra coisa que fizemos - ou que nos moveu juntos: cuidar das memórias do nosso povo e da nossa territorialidade crioula e negra.

Da varanda da Casa dos Ilustres, você irradia vida para o mundo.

Uma varanda sustentada pela memória diante do infinito.

Dela, dessa memória, o mundo se reafirma no esplendor dos encontros cotidianos que os oceanos permitem.

E hoje, mais uma vez, ouvi dizer que a Martinica é o lugar onde, o tempo todo, as pessoas iluminadas se encontram.

É isso, um grande abraço,
José Eduardo Ferreira Santos

A EXPOSIÇÃO
LA VIE DEVRAIT ÊTRE BELLE
[A VIDA DEVERIA SER BELA],
DE MANUEL MENDIVE,
E A ARTE RELACIONAL A PARTIR
DE GLISSANT

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, boa noite.

Olha que o dia foi intenso, por isso escrevi tantas cartas, rs.

Hoje, fomos à exposição *La Vie devrait être belle*, do artista cubano Manuel Mendive, e o que vi ali foi um verdadeiro acontecimento: um criador de múltiplos universos e técnicas, apresentando uma cosmogonia relacional contínua e incessante. Em cada suporte, em cada gesto, a relação aparece como dimensão poética e força estruturante de uma obra profundamente multifacetada.

E, para nossa querida surpresa, o trabalho artístico de Mendive se inspira e se estrutura em sua Poética da Relação, com uma radicalidade impressionante e que toca cada pessoa pelos universos pictóricos relacionais que vão se abrindo como portais em meio à descoberta de novas técnicas e narrativas. Um deslumbre para os olhos, mas, ao mesmo tempo, a revelação do que é um artista quando este potencializa sua poética sem medo ou mensuração dos limites.

Em uma das paredes da exposição, encontro este texto:

Pour Mendive, la nature n'est ni un paysage ni une ressource: c'est une entité vivante, matrice génératrice de toute expérience.

Ou seja, traduzindo do meu jeito:

Para Mendive, a natureza não é nem uma paisagem e nem um recurso: ela é entidade viva, matriz geradora de todas as experiências.

A paisagem é viva e interfere em nós, interfere no mundo. Manifesta-se como presença, atua com capilaridade e protagonismo, de modo sub-reptício e contínuo. Reina apesar de pensarmos que somos nós que determinamos as coisas. A paisagem grita, dialoga, evoca; age sem cessar, desde antes de nossa existência, e continuará a agir quando não estivermos mais aqui.

A natureza e a paisagem são relacionais e inquietas.

Mendive tem uma obra monumental, relacional e sempre surpreendente. Reinscreve a solidão que tantas vezes vemos em esculturas africanas e de outras tradições, mostrando que também nelas a relação é princípio ativo. Toda relação implica tensões - entre, para, com - e é nesse jogo que a obra se move: em telas, em esculturas, nos umbrais que atravessamos na exposição, tudo vibra em direção e retorno.

Tensionar a relação com as obras *in loco* é um desafio para quem vem dos espaços hegemônicos de exposição. O cubo branco tende a inibir o encontro e a condensá-lo em premissas que raramente se realizam, por medo e por uma demarcação ocidental que confunde limite com fruição. Em Mendive, ao contrário, a fruição nasce do transbordamento: o espaço não contém a obra, a obra reconfigura o espaço.

Outro texto de parede, na abertura da exposição, elucida algumas particularidades do artista:

La production visuelle de Manuel Mendive se construit à partir d'une conscience aiguë du métissage structurel qui a défini non seulement Cuba, mais aussi le Caraïbes en tant que région et expérience culturelle. Son univers plastique est une forme radicale de ce qu'Édouard Glissant a appelé "identité relationnelle": il n'y a pas

d'essence unique, mais une multiplicité d'appartenances, de croisement constant, résonance et transformation. L'africain, l'européen, l'indigène, le populaire et le mystique se fondent en lui pour dialoguer avec des questions intrinsèques à l'être humain: l'identité, la religion et la philosophie.

[A produção visual de Manuel Mendive se constrói a partir de uma consciência aguda da mestiçagem estrutural que não definiu somente Cuba, mas também o Caribe como região e experiência cultural. Seu universo plástico é uma forma radical à qual Édouard Glissant chamou de "identidade relacional": não há essência única, mas uma multiplicidade de pertencimentos, de cruzamento constante, ressonância e transformação. O africano, o europeu, o indígena, o popular e o místico se fundam nele para dialogar com questões intrínsecas ao ser humano: a identidade, a religião e a filosofia.]

Nas obras da exposição, a relação aparece como ritual de vida continuamente presentificado, uma esfera do cotidiano que merece eternidade. Ela desfaz os chavões da universalidade branca e propõe a universalidade do cotidiano, aquilo que ocupa a maior parte da existência: não vivemos de arroubos constantes, mas de rituais de ir e vir, de lidar com contingências e responder a responsabilidades. Viver, aqui, é responder – relacionar-se com pessoas, paisagens, natureza, cidade, com o além e o sobrenatural, com forças incontroláveis e com místicas que não dominamos. É também acolher o mínimo que nos toca, como o pássaro que toma café conosco na Martinica e nos acompanha pelos restaurantes.

Percebi o onírico, o sonho como relação, o encontro como relação, os rituais, a amamentação, a alimentação, a gestação, e até a solidão como relação. Até na solidão o humano busca a relação.

É interessante um artista assumir, sem vaidades, um pensamento gerado para a sua obra, a partir do pensamento de um intelectual, e isso é um valor imenso na percepção da sua poética.

Na natureza, tudo é relação, desde a vida até a morte.

Por exemplo, quando paramos de existir, os nossos odores chamam quem vem nos consumir... E a vida se alimenta e se renova...

Caiu açúcar na mesa, a formiga vem. Isso é relação. Tudo é relacional.

Nessa radicalidade.

E a fertilidade é relacional.

Gerar é relacional...

Ver o pensamento da Poética da Relação de Glissant pairando e guiando um pensamento pictórico e estético é uma profunda reverência aos pensadores negros que precisamos elevar às nossas epistemologias.

No mais, as fotos da exposição estão no meu celular e, no tempo devido, serão publicadas em formato a decidir, pois o texto não dá conta da beleza vivida.

Um grande abraço, querido Glissant,
José Eduardo Ferreira Santos

“TAMARINDO DE MINHA DESVENTURA”: O ENCONTRO

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, boa noite.

Fomos à Fondation Clément para visitar as exposições, conhecer os espaços de artes visuais e a memória etílica da Martinica. Impressionou ver tudo tão bem preservado, com jardins magníficos, árvores frondosas e uma oferta generosa desses espaços ao público.

O que mais me emocionou foi encontrar um tamarindeiro centenário. De imediato, me veio o verso de Augusto dos Anjos,⁷ que sempre me persegue: “Tamarindo de minha desventura...”, do poema “Vozes da morte”.⁸ Apesar do título, é um poema de esperança: sugere que nem a morte cessa nossa capacidade de gerar filhas e filhos, de encontrar pessoas pela obra que deixamos, de reencantar o mundo com pensamento e gesto. Mesmo quando um tamarindeiro cai, ficam as sementes, prontas a brotar. A vida continua como um rio caudaloso de histórias que se encontram e se fortalecem, abrindo novos campos de existência. Um tamarindeiro frondoso é também uma casa imensa para centenas de vidas na natureza, dos pássaros a tantas outras presenças.

Encontrar o tamarindeiro me fez voltar à infância, quando, na rua dos Ferroviários, ao ir ou voltar para a Escola Machado de Assis, comprávamos o doce de tamarindo

7 N.E. Augusto dos Anjos (1884-1914), poeta paraibano, publicou em vida o livro *Eu* (1912). “Vozes da morte” circula nas edições póstumas reunidas em *Eu e outras poesias* (1920). O verso “Tamarindo de minha desventura” é um dos pontos de referência do poema, em que a morte é pensada junto à continuidade da vida e da matéria.

8 ANJOS, Augusto dos. Vozes da morte. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

em um copinho de café plástico e uma pequena pá de madeira de sorvete. Era maravilhoso, barato, saboroso e mexia com todos os sentidos, pois talvez o tamarindo seja uma dessas frutas que nos causam sinestesia, ou seja, antecipam experiências corporais provocadas pelo sabor intenso e pelo azedo que enche a boca d'água.

De fato, o poema de Augusto dos Anjos é uma espécie de promessa de vida abundante após a morte, um novo germinar a partir da obra e do legado. É também o que estamos aprendendo aqui, na Martinica, sua terra, onde essa continuidade se manifesta como forma de dar sentido às experiências e, ao mesmo tempo, de pensar conceitual e poeticamente o mundo a partir de outras territorialidades e narrativas que escapam às dominantes.

"Não morrerão, porém, tuas sementes!", diz o poeta. Teus livros, poemas, romances e ideias seguem se ampliando por outros horizontes, a começar pelo Brasil. É por isso que estamos aqui, nesta residência artística: para aprender contigo, com Sylvie, que tanto nos tem ensinado, e, sobretudo, para aprender respirando o ar que respiraste e respiras, vivendo estes dias na tua casa icônica, poética, onde a presença se torna estudo e convivência.

Sim, foi preciso vir aqui para te encontrar, tamarindeiro, e a partir daí me esbarrar de novo com esse verso e esse poema e voltar os olhos para a vida e dizer que é bom viver, que a vida presta. Celebremos Édouard Glissant e Sylvie, celebremos a vida e a Martinica, que está reencantando os meus olhos diante do mundo.

Depois, vou esboçar os desenhos do "Tamarindo de minha desventura".

O verso, para mim, é um dos mais loucos e geniais da língua portuguesa. Por quê? Não sei ao certo. Mas sei que, sempre que vejo um tamarindeiro, ele me vem de imediato: "Tamarindo de minha desventura"...

Acho que, ao fim e ao cabo, é para isso que se escreve: estou na Martinica, encontro um tamarindeiro e o poema vem - escrevemos para dialogar, para atravessar fronteiras e reencontrar, em outros lugares, aquilo que já vivia em nós.

Abaixo, segue o poema. Um grande abraço do
José Eduardo Ferreira Santos

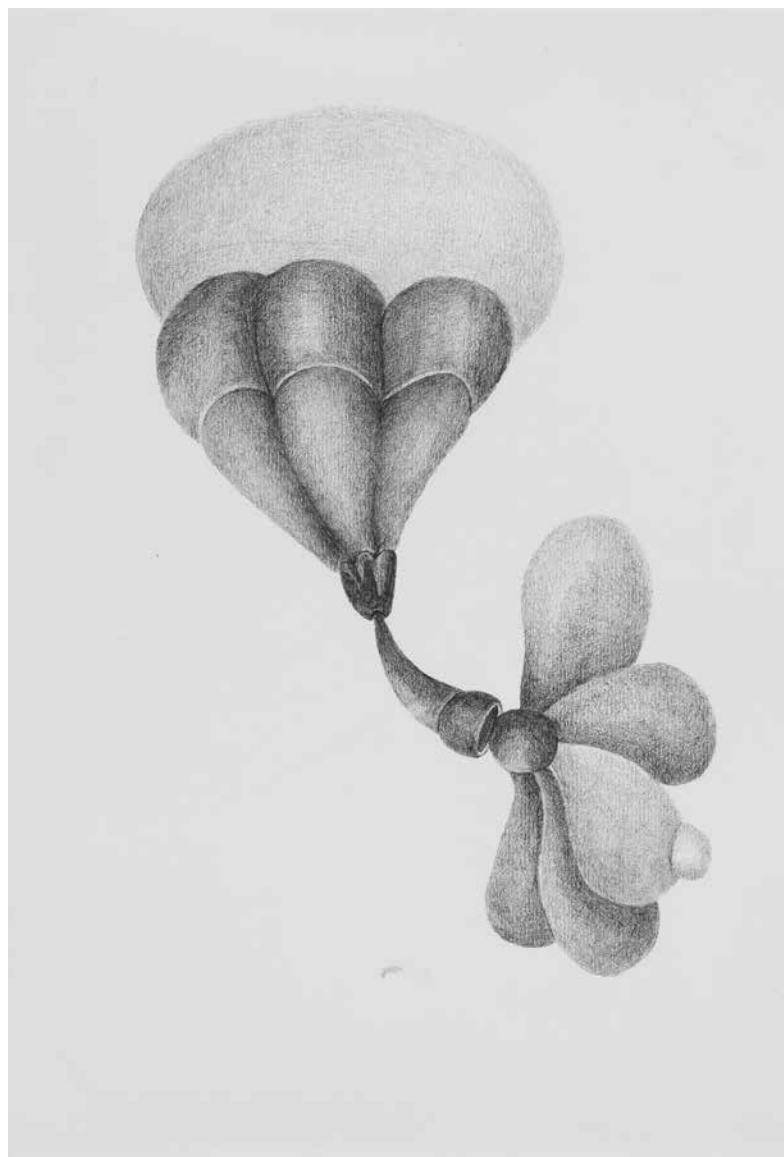
Vozes da morte

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!⁹



A PLENITUDE DA VIDA LEVA À CIDADANIA PLENA

De José Eduardo para Édouard Glissant

Glissant, boa noite.

Posso estar errado, mas tenho pensado muito sobre a plenitude da vida e sobre como, no lugar de onde venho, no país de onde venho, essa plenitude humana é constantemente negada. Tudo parece permanecer nos limites do possível, como se estivéssemos sempre à beira de algo que poderia ser, mas nunca chega a se realizar. Vivemos no ensaio da plenitude, entre o desejo e a falta, no intervalo em que a vida é apenas prometida, raramente cumprida.

Estou com esses pensamentos na cabeça desde que voltei da Serra da Capivara e encasquetei com essa ideia de cidadania plena como um horizonte a ser mirado por nós em todas as ações que fazemos.

Partindo de um compromisso cultural, filosófico, museal, artístico, estético e educativo, podemos acionar mudanças urgentes em nós e nos outros: sair de uma cidadania fragilizada para uma cidadania plena, que nos fortaleça no cotidiano e afine nossos sentidos de justiça, paz, realização, participação social e redistribuição de renda. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo e isso exige políticas, práticas e mediações que transformem essa realidade. Digo isso porque desejo que a população brasileira viva plenamente e reconheça essa possibilidade como concreta, não como promessa distante.

Para que essa possibilidade de vida plena aconteça, é preciso que exista também uma plenitude da cultura, da civilização, da política, da educação, da sociabilidade e do respeito à natureza – uma ética do bem viver. Não compreendo, por exemplo, como no Brasil temos uma Ministra do Meio Ambiente como Marina Silva, figura de

tamanha importância e lucidez, e ainda assim tão pouco escutada. O verdadeiro desenvolvimento só será possível com o desenvolvimento ambiental; sem ele, o que nos espera são as catástrofes do tempo que virá.

O grande mal do mundo vão ser - e já são - a má distribuição de renda e a injustiça social, que se opõem a qualquer possibilidade de relação (verdadeira).

Enquanto houver expropriação e corrupção, a cidadania plena se corrói como possibilidade real e, como fruto disso, a violência avança até se tornar cultura de morte, fetiche que fascina mentes atormentadas que desejam ver o mundo pelo viés da dor e da desgraça humana. Expropriação e corrupção fragilizam a Poética da Relação e destroem a cidadania. Pelo seu caráter pragmático e pela persistência de velhos políticos que ensinam aos jovens a envelhecer mal nessas práticas, é urgente reeducar as novas gerações para romper o círculo vicioso e apontar para uma plenitude de vida que nos conduza à cidadania plena.

É por isso que faço esta residência artística na sua casa, na Martinica: para contribuir com esse debate e afirmar, pela experiência, que quando há - ou quando avistamos - plenitude na cultura, na saúde, na educação, na relação com a natureza, na civilidade e no bem viver, abre-se para cada pessoa a possibilidade real de uma vida plena.

É isso,
José Eduardo Ferreira Santos

A PAISAGEM PARA GLISSANT

Para Carol Souza

Em setembro de 2025, o Instituto Tomie Ohtake abrirá uma grande exposição inspirada no seu pensamento, Glissant, acompanhada da publicação de um livro-catálogo que trará um abecedário com conceitos fundamentais para compreender a sua obra. Entre eles, está o de *paisagem*, desenvolvido em diálogo com Patrick Chamoiseau, a partir de uma conversa gravada em janeiro de 2008. É sobre esse tema que quero me deter, para também entrar nessa conversa.

Trata-se de um tema essencial para pensar a relação entre paisagem e patrimônio. Interessa-me sobretudo a dimensão humana e existencial da paisagem, a paisagem como vida, como significação para quem a habita. Penso na paisagem e na gentrificação, na paisagem como memória, como vazio, como plenitude, como vulnerabilidade.

O seu pensamento me toca, Glissant, porque poucos teóricos se voltaram para a paisagem como algo vivo, pulsante de sentidos. Nossa história é feita de paisagens e, quando elas desaparecem, uma parte de nós também se apaga. Há, hoje, uma ameaça global, capilar e cotidiana à existência de certas paisagens, ameaças que passam pela especulação, pela destruição ambiental, pela homogeneização cultural.

A palavra “paisagem”, por si só, tende a evocar cenário, pano de fundo, como se não houvesse vida nela, apenas superfície, uma moldura exterior à nossa experiência. Mas, como você nos ensinou, a paisagem vive conosco e em nós, ela respira, escuta, se transforma e nos transforma.

Aprendi com você, Glissant, que a paisagem faz parte da nossa biografia. Ela integra o nosso contínuo autobiográfico e, no entanto, isso quase não aparece nas intervenções urbanas, nas discussões sobre cidade e memória. Gostaria

que alguém estudasse a paisagem e o Acervo da Laje a partir desse seu conceito, Glissant, pois seria fundamental para compreender o trabalho de memória e cidade que temos feito desde a periferia. Seria potente escrever e pensar nossas autobiografias a partir das paisagens.

A paisagem é a moldura dinâmica da vida. Na Serra da Capivara, vemos o registro inscrito na própria paisagem e as camadas de vida que ali se sedimentam. Vindo de um país profundamente musical, lembro-me de “Paisagem da janela”,¹⁰ de Lô Borges e Milton Nascimento, de 1972, e do “Poema do beco”,¹¹ de Manuel Bandeira: obras que trazem a paisagem como lugar que importa e onde vivemos, enquanto o resto se desloca para fora do quadro.

Segue o trecho sobre a paisagem:¹²

Édouard Glissant: Acredito que seja algo trivial, mas também algo que vale a pena repetir: atualmente, as paisagens são o que está mais ameaçado. Disso não há dúvida, seja onde for no mundo.

Para mim, a paisagem é o país... O país envolto em um *continuum* autobiográfico. Isso significa que o país, ao longo de toda a sucessão temporal, e mesmo quando o fluxo temporal é interrompido, permanece envolto em feições que compõem seu *continuum* biográfico, em ciclos consecutivos, de degeneração em degeneração, ou de regeneração em regeneração, ou de catástrofe em catástrofe, e assim por diante. Tal como uma floresta que volta a crescer após um ciclone. A paisagem é o país, a estrutura do país envolta nisso, revestida por esse *continuum* autobiográfico e pelas mudanças que o fluxo do tempo histó-

10 BORGES, Lô. Paisagem da janela. In.: BORGES, Lô; NASCIMENTO, Milton. *Clube da esquina*. Rio de Janeiro: EMI Records Brasil Ltda., 1972.

11 BANDEIRA, Manuel. Poema do beco. In.: *Estrela da vida inteira*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

12 INSTITUTO TOMIE OHTAKE. *A terra, o fogo, a água e os ventos - Por um Museu da Errância com Édouard Glissant*. Catálogo. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2025. pp. 59-60.

rico, pré-histórico ou não histórico expandiu por todos os cantos do país.

E vejo que, cada vez mais, a humanidade tem uma concepção que vincula seu destino ao *continuum* biográfico das paisagens. Isso implica dizer que o pensamento ambiental surge dessa consciência da relação... uma vez mais, entre os seres humanos e a paisagem; e, uma vez mais, voltamos aos pré-socráticos.

Afinal, um rio é uma paisagem? Mas também tem vida! O que é uma floresta numa paisagem? Também tem vida. O que é o mar? É uma paisagem, mas também tem vida. Disso tudo não há dúvida, mas é essa relação que faz com que seja preconizada a fusão entre os seres humanos e a paisagem, que dá origem ao pensamento ambiental que vemos hoje!

A paisagem é um personagem, porque é uma parte ativa do *continuum* histórico, com todos os seus saltos e as suas variações. E se a paisagem é um personagem, ela interage com outros personagens, personagens humanos, na sociedade humana. Acredito que o quilombo foi uma aliança selada com as colinas e bosques por um irmão em busca de liberdade.

Patrick Chamoiseau: Existe uma conexão entre os grandes movimentos de resistência do mundo contemporâneo e suas paisagens?

Édouard Glissant: O aspecto mais importante na relação entre a paisagem e os seres humanos são a ameaça e o sofrimento. Para mim, parece ser o fator mais decisivo. Hoje em dia, não se trata tanto dos recursos e do auxílio obtidos, como ocorria nos tempos dos quilombos: a floresta era tanto um recurso quanto uma tábua de salvação para os quilombolas, mas não acredito que seja esse o caso hoje. Precisamente porque todas as

paisagens ao redor do mundo estão sob ameaça. Absolutamente todas elas. Todo e qualquer pensamento é um pensamento sobre a relação entre a paisagem e os seres humanos".

Por enquanto é isso, vamos dialogando.

Atenciosamente,
José Eduardo Ferreira Santos

ANIVERSÁRIO DE SYLVIE

Glissant, boa noite.

Hoje foi o aniversário de Sylvie e passamos o dia celebrando. Fomos até o vulcão Monte Pelée, em Morne-Rouge, atravessamos um rio maravilhoso, almoçamos na montanha, depois visitamos o memorial da erupção [Mémorial de la catastrophe de 1902 - Musée Frank A. Perret] e terminamos o dia na casa de Felipe, que trabalhou com você entre 1972 e 1975. Ele tocou gaita para desejar feliz aniversário a Sylvie, em um gesto de afeto que nos comoveu profundamente. Encerramos o dia na casa-ateliê de Monique, uma escultora e pintora extraordinária, e sua força e delicadeza nos impressionaram.

Foi um dia especial em todos os sentidos. Sylvie é uma das pessoas mais admiráveis que já conheci, e sua grandeza está em saber e reconhecer aquilo que tem de mais precioso: um conhecimento profundo de si mesma, de você, Glissant, e da obra que ambos construíram e continuam a expandir pelo mundo.

Édouard e Sylvie formam uma das mais belas histórias que conhecemos, e é tocante ver como ela, com tanto amor e dedicação, zela pela preservação e pela vitalidade do legado de vocês. Mas hoje é o dia de Sylvie, que tem cuidado de nós com generosidade e nos aberto as portas da Martinica de maneira inesquecível. Ao seu lado, temos revisitado memórias, lugares e presenças que compõem a alma viva desta Ilha das Flores.

Sylvie é artista plástica e responsável pela fundação que cuida e difunde a obra de seu companheiro de vida, Édouard Glissant. No dia do aniversário dela, descobrimos, no vulcão, uma rua com o seu nome, Glissant.

Nestes dias de residência artística na Martinica, Sylvie tem nos apresentado o mundo infinito que é a ilha. Tudo nos impressiona pela sua delicadeza, pelo cuidado

e capilaridade: ela conhece cada pedaço da Ilha das Flores e vai dirigindo e parando para nos mostrar sempre um lugar importante, com uma história rica e ligada a essa territorialidade e à sua luta política contra a colonização. Daí a grande tradição de homens públicos, intelectuais e políticos que, a partir da Martinica, têm se insurgido contra o racismo e o colonialismo – para citar apenas Aimé Césaire, Frantz Fanon, Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau, que conheceremos nesses dias.

Sylvie é uma biblioteca, um patrimônio da ilha e do mundo. Fazer esta residência artística ao seu lado, neste momento em que a obra de Glissant se amplia e ecoa pelo mundo, é uma oportunidade histórica. A obra chega agora ao Brasil, e com a ida de Sylvie para Salvador, em novembro, iremos nos reencontrar.

Por enquanto, esta carta é para dizer, Glissant, que você foi feliz, Sylvie é feliz e nós somos felizes. Eu sou feliz e estou profundamente comovido por conhecer a história de vocês.

Felicidades, Sylvie.

Felicidades, Glissant.

José Eduardo Ferreira Santos

11 de agosto de 2025

“ESCRITORES
PODEM INVENTAR CIDADES?
E É DELES ESSA
RESPONSABILIDADE?”

Para Carol Souza, a partir de Gustavo

Glissant, boa noite.

Hoje passei o dia com essas perguntas de Hans Ulrich Obrist feitas a você, Glissant, no livro *Conversas do arquipélago*,¹³ e fiquei pensando que as cidades existem porque são continuamente inventadas por infinitas pessoas – no passado, no agora e já no futuro. Há quem as torne mais desejosas, misteriosas, mais amadas. Quem inventa a cidade é cada um e cada uma de nós que a percorremos, palmilhando seus espaços em busca de beleza, de vida, de diversidade, de pujança e de plenitude.

Aqui, na Martinica, tenho encontrado tudo isso e vejo que são as pessoas que inventam a cidade. Sim, as pessoas do cotidiano, e aqui estou percebendo o quanto os escritores, intelectuais, poetas e políticos ligados à cultura (este parêntese é importante, pois não basta ser político e ser inculto, obtuso e inepto como acontece com os políticos, em alguns muitos casos do Brasil; e onde política e cultura não dialogam há perigos para a civilidade, a sociabilidade e o pertencimento, pois criam-se nichos contracivilizatórios vazios de humanidade e de laborações estéticas e culturais) inventam a cidade.

Mas, quando encontramos Fanon, Césaire, Glissant e Chamoiseau, é preciso fazer um aceno para o que é lutar contra a colonização e o racismo de um modo radical, para como o pensamento desses homens negros transatlânticos está

13 GLISSANT, Édouard; OBRIST, Hans Ulrich. *Conversas do arquipélago*. Tradução de Feiga Fizon. São Paulo: Cobogó, 2023.

fomentando debates mais que atuais sobre a civilização, a noção de diversidade, de pertencimento, de respeito; e mesmo de povoar o mundo com a criação de noções de cidades a partir dessa produção teórica, filosófica, científica e literária que vai se expandindo no mundo. E, desde quando cheguei aqui, entendi que preciso fazer parte da companhia desses quatro escritores para entender um pouco do caminho que tenho trilhado ou que tenho interrompido - como a escrita como documentação do que vivemos no território, com seus apagamentos e suas presenças, por exemplo.

Acho que preciso retomar essa escrita mais documental, literária e importante para afirmar não só a territorialidade suburbana, mas o vasto campo de saberes que está se esvaindo no tempo, com a passagem das gerações. A escrita é uma responsabilidade coletiva que escolhe uma individualidade vivida - e não adianta fugir dela, mesmo quando ela te escolhe, porque certamente esse chamado corresponde, também, às exigências que você carrega como desejo de responder.

Para inventar cidades, é preciso conhecê-las e amá-las profundamente.

E, nesse sentido, há muita gente com poder que destrói cidades com seus projetos inviáveis de futuro, inalcançáveis, de utopias teóricas distantes da realidade de pessoas reais que inventam cotidianamente cidades. O conhecer profundo implica um cuidado para preservá-las e contribuir para o seu pleno desenvolvimento em todos os aspectos possíveis.

Aqui, na Martinica, me impressionam as pessoas com seus carros, uma alegria cordial, os jardins floridos e coloridos infinitamente, tudo funcionando, tudo feito com um cuidado monumental. Em todos os lugares, vemos a presença do Estado como mão que administra tudo para que tudo esteja a contento. Há uma paz, ninguém está em disputa com nada, sei lá, fico escrevendo até a madrugada, sem medo, e isso me impressionou bastante, pois esse é o desejo de cidade que tenho. Se eu tivesse que inventar cidades, as primeiras grandes questões seriam a segurança, o silêncio, a ordem, a liberdade, a beleza, a cultura, a vida coletiva em seu ritmo adequado e justo, a economia, o desenvolvimento ecológico, o respeito à natureza, à

educação, às garantias constitucionais e à diversidade, o direito à vida, a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, a possibilidade de futuro sem violência, sem morte, sem racismo.

Não sei se é responsabilidade dos escritores inventarem cidades, mas, se não fosse Jorge Amado, a Bahia talvez não estivesse no imaginário coletivo de uma forma tão atualizada, tão contínua no tempo.

É que o escritor cria símbolos e imagens muito fortes sobre o lugar. E, como a literatura, o cinema e a música trabalham com imagens fortes, que se tornam mensageiras das cidades que construímos em nossa cabeça a partir das criações de escritores, por exemplo.

Mas, também, Dona Antônia, Dona Maria Helena, Seu José Silva Santos, Seu João Moreira dos Santos e tanta gente criaram a imagem de cidade e foram habitar nela também por conta dessa criação coletiva de imagem de cidade. E é por isso que estamos nela e eu estou aqui, na Martinica.

A cidade existe, mas não basta existir, é preciso dar-lhe sentido como lugar bom, próspero, feliz, que nos corresponda e realize aqueles desejos de vida que a vida carrega.

Como Glissant e Sylvie inventam cidades? Fazendo o que fizeram: sendo portadores da cidade e abrindo as portas dela para quem está chegando e fazendo a sua autobiografia acontecer na paisagem, continuamente.

O mesmo fazemos, Vilma e eu, no subúrbio de Salvador: abrimos a porta e continuamente construímos a nossa autobiografia naquele território em relação com aquelas pessoas, naquelas paisagens.

Ê, conversa boa, gostei e gostaria de ver alguma ou algum jovem pensar um estudo sobre a criação de cidade em Glissant - e Sylvie, José Eduardo e Vilma, rs. Seria interessante. Ou a invenção de cidades a partir das varandas de Diamante e do Acervo da Laje. Quem sonha junto?

Um grande abraço,
José Eduardo Ferreira Santos

NOS OMBROS, O JEITO PATERNO DE DAR COLO AO FILHO, FAZENDO-O OLHAR PARA O ALTO

Para meu pai, José Silva Santos, o Cabeça
Para minha mãe, Maria Helena Ferreira Santos, Dona Lene

Glissant, boa noite.

A sua memória de sua mãe carregando você no colo - e essa itinerância ter feito mudanças tão profundas na sua vida e na sua percepção - está me provocando a também pensar minhas memórias em relação aos meus pais e ao território no qual cresci, me constituo e habito.

Quando nasci, em 1974, meu pai tinha dezoito anos. Fui, para ele, a esperança esperada, a alegria inimaginada, a presença que mudou tudo: ele se tornou pai, minha mãe se tornou mãe e eu me tornei filho. Nossa relação se fez desde o primeiro instante, como algo de duração infinita. Primeiro, fomos díade; depois, tríade; e, na sequência, vieram mais três filhos.

Crescemos na periferia de Salvador, entre as décadas de 1970 e 1980, em um Brasil sob a ditadura militar, em contexto de pobreza e vulnerabilidade. Havia, porém, redes fortes de solidariedade, afeto e vizinhança, uma família extensa e presente - avós, tias, tios, madrinhas e padrinhos -, todos juntos para que a prole seguisse adiante, com saúde, estudo e o melhor que a vida pudesse oferecer.

E nossas memórias da infância têm uma paisagem sempre de casa cheia, escola, discos na radiola. Pai e mãe gostavam de receber muitas visitas, e tinha muita comida - feijoada, caranguejada, batidas, cervejas, refrigerantes. Tinha muito samba, pagode e tudo o que tocava nas rádios e nos discos. Era muita vida, muita sociabilidade, muita festa e muito trabalho, tudo para que a vida fosse vida.

Meu pai trabalhava na fábrica de tecidos e vendia bananas pelas ruas em um ponto fixo, enquanto minha mãe, Dona Maria Helena, trabalhava como doméstica e cuidava de nós, seus quatro filhos, intermitentemente e com muito amor e dengo.

Eles me deram a educação possível. A melhor: com liberdade e autonomia.

Nunca me pediram muita coisa, só estudar e não ficar até muito tarde na rua.

Quando eu tinha cerca de dez anos, fomos ao que hoje se chama Parque São Bartolomeu, lugar de matas, cachoeiras, rios, fontes e manguezais. Para chegar ali, atravessamos a avenida Afrânio Peixoto, de onde se viam as palafitas no seu auge. Meu pai me colocou nos ombros e foi me mostrando o que eu nem imaginava existir sobre uma paisagem, um lugar, as pessoas que ali viviam, a história dele e a minha, que começava a ser escrita como autobiografia naquele território possível de viver e iniciar uma família. Aquele gesto me salvou para sempre. Ao me erguer, meu pai me deu colo e me ensinou a olhar para o alto, a fazer perguntas, a tê-lo como interlocutor. Eu era um menino franzino que escrevia o número quatro espelhado, mas que já amava olhar para tudo.

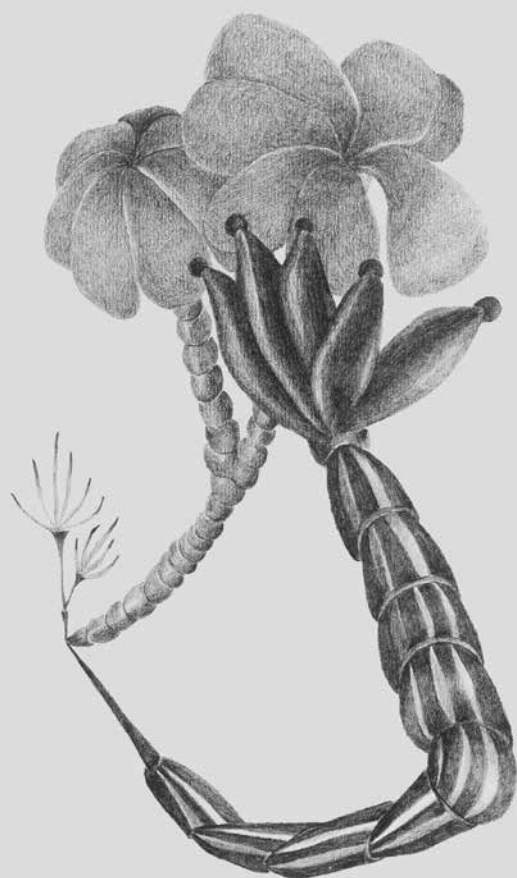
Esse seu gesto, meu pai, me salvou de muita coisa. Salvou minha vida.

E esse seu jeito paterno de me dar colo é o que me estimula a ser quem sou, sem medo da curiosidade que alimenta a minha inteligência que não se conforma com o pouco.

Muito obrigado, meu pai, onde você estiver. Eu te amo muito.

Ô, Glissant, chorei, aqui da sua varanda, me lembrando do meu pai. Um grande abraço.

José Eduardo Ferreira Santos



TEMPO

"[...] a ação da colonização apagou o tempo histórico da memória coletiva" (Édouard Glissant, em *Conversas do arquipélago*, 2023, p. 131).

"O melhor o tempo esconde/ longe, muito longe/ mas bem dentro aqui" (Caetano Veloso, em "Trilhos urbanos", 1979).

Glissant, boa noite.

A matéria da conversa de hoje é o tempo.

Na Serra da Capivara, a professora Gisele nos disse para não nos preocuparmos com o tempo porque estávamos em um lugar onde havia muito tempo inscrito e registrado na memória das paredes da serra. Quando perguntamos sobre o que é história, entre pré-história ou história pré-colonial optamos por esse segundo termo. Ele evidencia como a colonização moldou o nosso tempo, apagando temporalidades ligadas aos nossos modos de vida anteriores à chegada colonial e à demarcação da nossa história a partir desse evento.

O tempo é uma das energias mais importantes e sagradas para o desenvolvimento de tudo o que vive e existe; é ele quem promete e permite que cheguemos à plenitude e ao recomeço. Esse elemento que pensamos ser o fim.

O tempo rege toda história humana, civilizatória e sobrenatural. Sua ação é implacável e irreversível, tenra, e sempre em projeção, nunca em retrocesso ou retrospecção.

O tempo também protege, também abençoa.

O tempo rege a vida humana e cuida das luas e das marés, dos ciclos da vida e da natureza, do brotar das flores e da frutificação dos pomares, lavouras que alimentam e saciam as cidades do mundo.

Mas as cidades e as pessoas, cada vez mais, não respeitam o tempo e o veem sem reverência. O tempo, porém, pede reverência. Ele é princípio e medida do que chamamos vida, tudo vem dele.

Vou voltar para a conversa de Hans Ulrich Obrist e Édouard Glissant:¹⁴

Édouard Glissant: Se levarmos em consideração todos os povos das Américas – principalmente as populações africanas no Brasil e no Caribe, ou nos Estados Unidos, os povos nativos americanos –, veremos que a ação da colonização apagou o tempo histórico da memória coletiva.

Darei um exemplo muito simples: por muito tempo, a história da Martinica se reduzia a uma lista de governantes, como se não houvesse nada além disso. Em certo sentido, experimentamos uma perda de memória histórica. Para lutar contra esse fenômeno, fomos obrigados – no meu caso, por meio de obras literárias – a “saltar de pedra em pedra nestes tempos incertos”.

Não temos um entendimento linear do tempo, de um tempo que transcorre. É por isso que sempre digo que nós jamais conseguiríamos escrever *Em busca do tempo perdido*, de Proust, aquela arquitetura grandiosa, bem construída, em formato de pirâmide, que decola como tal e vai dar no presente.

Hans Ulrich Obrist: Bom, o colonialismo parte de uma ruptura histórica: a insistência na ideia de que qualquer história pregressa do território não existe e não pode existir. A história se inicia com o colonizador. Tudo que veio antes se perde.

Édouard Glissant: A meu ver, nós não perdemos nosso tempo, pois nunca sequer o possuímos. Os povos das Américas, tanto do continente quanto das ilhas, foram despojados de seu tempo. Como consequência, nós somos forçados a reconstituí-lo de maneira caótica, partindo daqui para lá...

Hans Ulrich Obrist: “Saltando”...

Édouard Glissant: Sim. E o tempo não é mais linear. Nossa concepção de tempo é contrária à concepção cristã de linha do tempo, concebida como antes/depois de Cristo. Ao nos referirmos às civilizações maia, asteca e inca, é muito difícil nos orientarmos por meio desse sistema temporal. “600 a.C.”, ou “1000 d.C.”, não significa nada no *continuum* do espaço-tempo das Américas. Na verdade, nós já temos uma concepção circular, espiralada, mas principalmente caótica, da recuperação de um tempo possível. Qualquer trabalho de arte, e, em última instância, qualquer trabalho que envolva questões artísticas, não admite linearidade.

Mas lembrando Gilberto Gil, em “Tempo Rei”,¹⁵ e Caetano Veloso, em “Oração ao Tempo”,¹⁶ dois tradutores do nosso tempo no Brasil, este texto é, Glissant, um pedido ao Tempo, Senhor de Tudo, que proteja os nossos e as nossas jovens da violência, que os cubra com seu majestoso manto, Tempo. Gil chama o Tempo de Rei e Caetano o chama de Senhor, ou seja, ambos os artistas o reverenciam.

Não deixe, TEMPO, mal algum chegar até eles e elas que estão, por exemplo, nas favelas brasileiras ou caribenhas.

Que o mal respeite o Tempo, por favor, e isso é um clamor de justiça!!!!

15 GIL, Gilberto. Tempo Rei. In: GIL, Gilberto. *Raça humana*. Rio de Janeiro: Gege Produções Artísticas, 1984.

16 VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. In: VELOSO, Caetano. *Ofertório* (ao vivo). Rio de Janeiro: Uns Produções Artísticas Ltda., 2018.

Que os governos respeitem o Tempo e possibilitem
segurança para que nossos jovens e crianças cresçam
sem riscos!

Atue, TEMPO!

Aja, TEMPO!

Daqui, do transatlântico, eu te rogo, TEMPO: cuida,
rege, protege

José Eduardo Ferreira Santos

GINGA

Glissant, boa noite.

Fui à exposição *Ginga*, de Fred Alie, na Fondation Clément.

Uma exposição bela, genial, sincera, ecologicamente responsável e criativa. Uma pequena retrospectiva da artista. As obras da artista dançam.

Malemolência.

Espiral rítmica.

Transe.

Nelas, há processos de cura, libertação, alegria e autodescobrimento.

A artista canta, dança e tem um sorriso luminar, infinito, grande, bonito.

A exposição é uma dança, um diálogo, um giro de *entrecorpos* que se encontram numa dança infinita pelos ares da Ilha das Flores.

Os traços e os suportes são o cenário do acontecimento em cores e movimentos. Há vida nas telas de Fred Alie...

A vida é Fred Alie... E muito obrigado por você viver na ilha e ser a vida na ilha que nos recebe na sua exposição de vida e ginga.

A ginga é o movimento. Mais que isso: é o molejo, balanceio, dança, responde no corpo o tempo que falta na música. A ginga é sempre um diálogo entre corpo e música, entre som e desejo de compartilhar a reverberação desse no corpo e na alma.

A ginga é relacional: som, transe, percepção, resposta, diálogo, enamoramento musical.

A ginga é a bossa, o ritmo, o frêmito vulgar dos quadris no jazz, samba, blues, rock e todo ritmo negro criado e apropriado pelos brancos.

Ginga: sinônimo de luta, capoeira.

A ginga se apaixona por um frêmito de sons geniais, como o final instrumental de "Peixe mulher", de Lia de Itamaracá.

Que a ginga venha conhecer o samba de roda da Bahia, o maracatu de Pernambuco, o samba-enredo do Rio de Janeiro, a capoeira do mundo e da Bahia, o jongo da Serrinha, o pagode, o rap, o hip hop e a vida. E venha para o Brasil. Urgentemente.

José Eduardo Ferreira Santos

VENTO

Bom dia, Glissant.

Voltei da praia porque me lembrei de você, por causa de um belo poema de Manuel Bandeira que sempre me encantou.

Como você pode ver e ler, minhas primeiras referências vêm do que li e escutei no início da vida: Música Popular Brasileira e poemas.

Como te falei em um dos textos, os ventos têm mitologias nas serras brasileiras, e há esse poema de Manuel Bandeira, "Canção do vento e da minha vida",¹⁷ sobre o qual escrevi um pequeno artigo há muitos anos. Agora, ele me volta à memória diante da maravilha que é estar aqui, na Martinica.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

José Eduardo Ferreira Santos

17

BANDEIRA, Manuel. Canção do vento e da minha vida.
In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed.
São Paulo: Nova Fronteira, 1993. pp. 175-176.

ROCHER DU DIAMANT

“Martinica é irmã do bairro Plataforma, hein!”
(Miguel Mahfoud, em mensagem de WhatsApp, em
13/08/2025)

Glissant, boa tarde.

Hoje, entendi que a sua casa é a Martinica, e que o seu museu e a sua obra estão por toda parte dela. É isso que torna este lugar tão especial para pensar o mundo a partir de novas epistemologias, situadas em experiências de vida localizadas em territórios específicos e plenos, como este.

Hoje, diante da Rocha do Diamante, chorei bastante, porque a imagem da Ilha das Flores se revelou para mim naquela tarde, enquanto a contemplava com Sylvie de um ponto de vista muito especial. Ali, pude, de fato, compreender a beleza e a maravilha desse espetáculo – um verdadeiro patrimônio da humanidade erguido pela natureza para que, desse ponto do mundo, sua grandiosidade pudesse ser contemplada por todos.

Chorei bastante porque, a cada momento, a Rocha do Diamante se mostrava de outro modo, até que surgiram dois arcos-íris completos. Vilma e eu temos uma ligação com o arco-íris; ele sempre aparece para confirmar algo muito bonito e inspirador em nossas vidas.

De um lado, o oceano. Do outro, uma montanha imensa, de dois cumes, repleta de árvores. No meio do oceano, surge essa pedra maravilhosa, esplêndida, que nos enfeitiça e não dá vontade de parar de olhar, porque é daquelas experiências que certamente fazemos somente uma vez na vida e precisamos ter a certeza de que fizemos. Senti um pertencimento raro, nascido do encontro com uma territorialidade e uma geografia singulares, belas e surpreendentes, do começo ao fim.

Se eu pudesse, traria muita gente para ver, na vida, o que estou tendo a oportunidade de ver, presenciar, amar e experienciar: algo tão bonito e sublime, sem exagero.

As pessoas perguntam o que é uma residência artística e o que estou fazendo.

Gente, eu estou, aqui, gestando o futuro sob a presença da família Glissant. E gestar o futuro está no esboço de uma ideia, na escrita diária de textos que podem servir para alguma coisa ou para nada, mas escrevo assim mesmo; em alguns desenhos que podem virar azulejos, telas, projetos de exposição. Tudo isso faz parte, enfim, de uma residência artística, mas acho que, para mim, o que está acontecendo é uma residência de cura e de encantamento. O mar, todo dia, me cura com suas águas leves e límpidas, como um retorno eterno às águas primeiras; a casa está sendo generosa comigo e me dá a alegria de dormir muito tarde, sem medo, escrevendo, pensando, amando o tempo.

Nós, que alimentamos tantas pessoas, não podemos deixar de nos alimentar, e uma residência artística como esta é um alimento para a vida inteira.

Uma residência artística como esta alimenta o meu encantamento diante da vida e do trabalho que realizo, um trabalho cotidiano de ressignificação do nosso lugar no mundo a partir do São João do Cabrito, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e que também possa servir para alimentar as muitas e queridas pessoas que estão cuidando do Acervo da Laje neste momento: Vilma, Suely, Kailane, Luciana, Aline, Renata, Alessandro, Jorginho, Matheus, Vinícius, Carol Lima, Carol Souza, Débora, Sandra, Edinho, Paulo, Suzana.

O Instituto Tomie Ohtake e o mundo estão nos presenteando com essa experiência de plenitude da vida.

E, daqui, gestar o futuro é existir, é escrever, pensar o devir, se cuidar, cuidar de quem te ama, amar a vida e fazer o possível para que experiências como a da Casa Édouard Glissant e da sua obra sejam mais conhecidas no mundo ou por onde passarmos, porque, a partir dele, de sua obra, de Sylvie, é preciso aprender a iluminar o mundo a partir do território.

Estou me lembrando muito de Vilma e de todo mundo que faz o Acervo: é assim, desse jeito, com esse cuidado, que estamos criando algo novo – e que nunca nos corrompamos e possamos crescer sem perder a alegria e o desejo da vida e do encontro com as pessoas.

A Rocha do Diamante trouxe seus arcos-íris para saudar a promessa de vida com o arco da promessa que tanto me encanta na vida.

A Casa do Diamante é um centro de interpretação do mundo a partir do arquipélago, a partir das ilhas, das águas, do mar, dos rios, das cachoeiras, das montanhas, dos jardins, da cultura e da civilização deste lugar. É um centro de interpretação do mundo a partir de outras narrativas territoriais e contracoloniais.

A Casa do Diamante é a porta de entrada para o encantamento do lugar. Ela é a porta de entrada para a maravilha que é a Martinica. Essa monumentalidade de vida que é a Martinica.

E Sylvie carrega esse mundo na vida, no cuidado, na administração dessa existência que se expande e precisa de mais suporte para que esta seja uma casa cada vez mais do mundo, uma contribuição viva para pensar questões que vão da civilização ao meio ambiente, passando pela economia, cultura, educação, pelas artes visuais, literatura e filosofia, enfim, um centro de interpretação do mundo a partir daqui.

Para além da experiência de ler Édouard Glissant e ser impactado por ela, é imprescindível pisar aqui. Por muitos motivos, mas, sobretudo, pela experiência de estar no arquipélago: conhecer a história da Martinica a partir de seus marcos e patrimônios materiais e imateriais, andar pelas ruas, falar com as pessoas, viver a vida do lugar, habitar outra forma de se conectar com o mundo. Ouvir, de modo testemunhal e presente, as histórias de combate ao colonialismo, a relação entre política e cultura e como esse enfrentamento anticolonial vem sendo realizado desde os primórdios da colonização. Há relatos que afirmam, por exemplo, que pessoas preferiam perder a vida a ser escravizadas, porque tinham uma vida plena.

Uma vida plena em um lugar pleno educa muito a nossa exigência diante da vida, principalmente diante de um país de cidadania fragilizada, embora o lugar seja uma eterna promessa – que não se cumpre, e isso dói como uma ferida que não cura.

Afirmo isso porque, pela experiência com o Acervo da Laje, Vilma e eu sabemos que precisamos de pessoas que levem adiante o que fazemos. Do mesmo modo, Sylvie – não porque ela tenha dito, mas porque a vida pede – precisa desse suporte para que possa se dedicar a tantas outras frentes e seguir testemunhando a vida que carrega. É isso.

José Eduardo Ferreira Santos

O *FLAMBOYANT* AMARELO

Glissant, boa noite.

No meio da viagem, encontrei alguns *flamboyants* amarelos.

O *flamboyant* amarelo foi o meu primeiro espanto com a beleza na infância, no ir e vir da escola primária, na década de 1980.

O caminho da rua Nova Esperança até a Escola Machado de Assis, na rua dos Ferroviários, final de linha do São João do Cabrito, era um espetáculo para os olhos por conta dos jardins e das belas árvores que enfeitavam o caminho.

Flamboyants e outras árvores floresciam de forma abundante, fazendo todo lugar parecer um jardim. Aquilo me encantava muito, mas ninguém sabe nos explicar o encantamento: ele simplesmente acontece. Até contar é difícil porque está na esfera da magia pessoal, da delicadeza daquilo que a nossa alma guarda como tesouro.

E mais ainda por saber que aquelas árvores, as plantas e os jardins foram cultivados por mãos e corações que amavam árvores, plantas e jardins, das mulheres de todo o bairro.

A gente não se dá conta da importância da paisagem, das árvores, das plantas e dos jardins na imaginação e no imaginário de uma criança: é o início de tudo, quando perguntas são feitas, felicidades são vividas, inteligências e sensibilidades são aguçadas, enfim, a vida nasce de novo no encontro com o mundo exterior, externo a nós.

A paisagem educa. A árvore, com sua imponência e sua beleza, educa e encanta.

As plantas – nem se fala –, elas carregam o mistério de dialogar o tempo todo com a vida e também nos educam para o cuidado e o afeto. Árvores, plantas e jardins educam para a sociabilidade. Para viver em sociedade, é preciso cultivar e cuidar das plantas, das árvores e dos jardins.

Cultura, curadoria, cuidado, elaboração, civilização, tudo isso e mais um infinito cabem dentro de um jardim.

Além da presença notável dos *flamboyants* amarelos e vermelhos, não posso deixar de registrar, Glissant, a plenitude dos crótons, que de tão antigos começam a perder a cor.

O encontro com essa diversidade botânica nos ensina que a natureza é brutalmente relacional. Sutilmente relacional. Entre as frestas, ela é relacional. A natureza dança nos vãos de luz e os ocupa com vida para o alto.

A natureza ocupa os vãos do esquecimento com vida.

A natureza é plena porque bebe das fontes que nossos olhos não enxergam.

E nós, para viver, bebemos de qual fonte?

Quem disser perde o encanto...

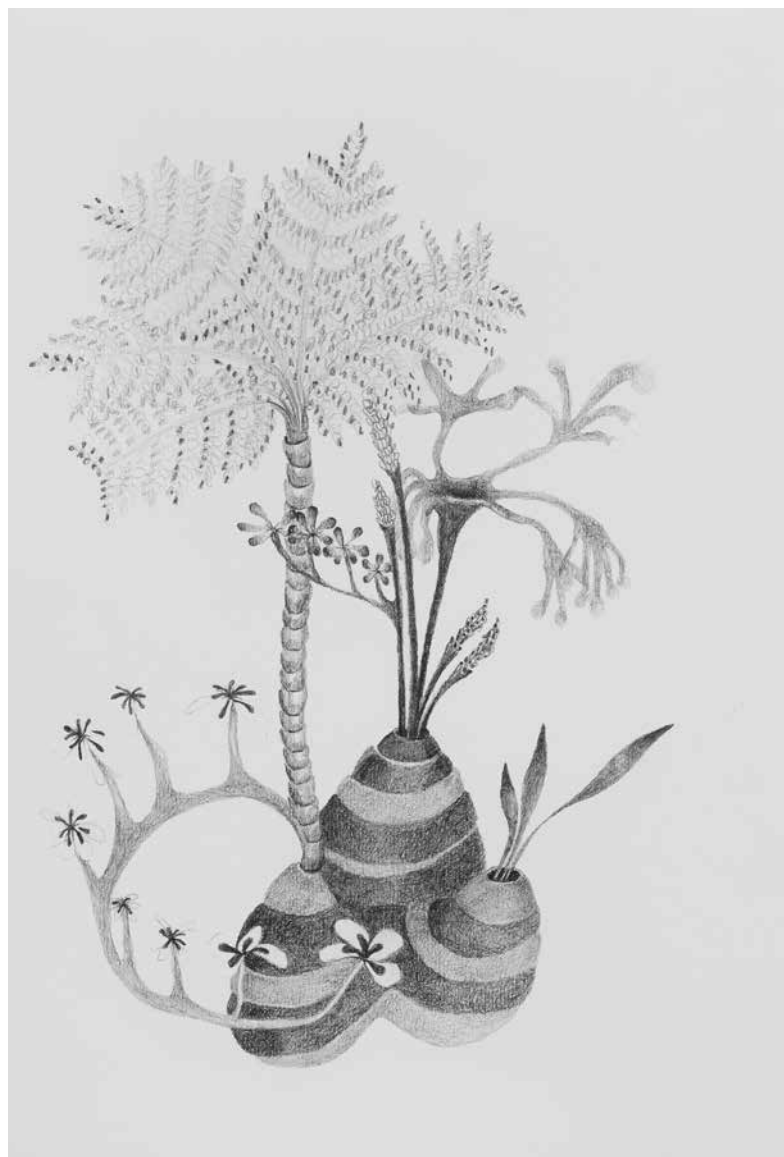
A natureza é, silentemente, silenciosamente relacional.

Escandalosamente relacional, mas sempre silenciosa e precisa; dinâmica e rizomática; sabedora dos caminhos que a raiz tem que fincar para ter saúde e vida plena.

A natureza é a metáfora da vida.

E a metáfora da vida é a relação.

Um abraço do
José Eduardo Ferreira Santos



EU QUERO TRAZER TODO MUNDO PARA A MARTINICA

Glissant, boa noite.

Estou começando a antecipar o fim da residência e me dou conta de que, assim como o Acervo da Laje é um lugar para pensar o mundo a partir da periferia, a sua casa é um lugar para pensar o mundo a partir da existência do arquipélago. Este lugar se constitui como um centro de interpretação do mundo a partir de uma experiência que não é apenas teórica, não só pelo fato de as pessoas lerem Glissant, mas também pela possibilidade de estarem aqui e aprenderem pela vivência na ilha, em Diamante. É daqui que nascem e se expandem as notas iniciais, é daqui que se tece o começo de um modo de pensar a partir da relação com uma paisagem, de um modo de viver, de uma vida dedicada a pensar o mundo pelas relações e por uma territorialidade que você e Sylvie escolheram habitar. Isso é muito inspirador, porque revolve epistemologias caducas que insistem em pensar a partir do que consideram ser o centro.

Sim, mas eu não quero levar nada da Martinica. Não quero ser turista. Vim convidado por Glissant e por todos os que participam desse convite (Paulo Miyada, Ana Roman, Instituto Tomie Ohtake, Coleção Ivani e Jorge Yunes, Sylvie, Ministério da Cultura do Brasil, Institut français, Governo Francês). Nesse sentido, não sou turista: sou convidado a conviver com Glissant, com Sylvie, com a vida que os animou e anima, com a alma da ilha. Meu maior desejo, vivendo toda essa plenitude e fartura, é trazer outras pessoas para a Martinica para que possam sonhar com a possibilidade de uma vida plena: viver sem medo, sem racismo, sem cidadania fragilizada e vulnerável. Viver bem o bem viver.

Aqui o meu desejo é coletivo. Não é mais meu, é de uma imensidão: quero trazer o meu povo para a Martinica, para que ele sonhe a esperança do bem viver, de se ver na história sendo si mesmo. Sem pedágios.

Sem a presença da cidadania incompleta. Da cidadania vulnerável...

Com tudo isso, não estou dizendo que a Martinica é o paraíso, mas a experiência que estou vivendo aqui não encontra paralelos no meu repertório existencial. Talvez eu precise viajar mais, conhecer outros lugares, aprender novas línguas - agora, quero aprender inglês e francês -, mas, por enquanto, o amor já basta: o amor de estar aqui, vivendo tudo isso.

De onde eu venho, me lembro de um caso que conheci durante a pesquisa do mestrado: um jovem que nunca saiu do beco onde mora para não ser assassinado, e por isso diziam que ele vivia como um "rato".

De onde eu venho, há pessoas que nunca foram ao Recôncavo Baiano, nunca andaram de avião, nunca visitaram outra cidade.

Há pessoas que não viajam, e quem não viaja perde a construção de grandes repertórios de vida, pois a viagem presentifica a experiência, amplia a pessoa e multiplica a vida. Viajar nos torna mais complexos diante da redução sociológica que sofremos por não podermos viajar.

Eu devo essa nova vida ao Instituto Tomie Ohtake. Fazer o podcast *A parte pelo todo* e ter participado da exposição *Ensaio para o Museu das Origens* foi um banho de vida e de revigoração desta vida. Viajar e voltar é renascer sempre.

Estou tentando deixar pistas dessas experiências belas, mas elas não dão conta: uma pintura, anotações, estas cartas imaginárias, o esboço de uma tela com uma letra também visual. Vou postar também: muitas fotos, muitas filmagens, muitos registros. Tudo é precioso. Na Martinica, nada é banal, por isso é importante registrar tudo.

Na minha primeira exposição individual, agora no Pivô Arte e Pesquisa, em Salvador, levamos um ônibus com

moradoras e moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Foi uma festa para as famílias e para as crianças, um *vernissage* histórico para o Acervo da Laje e para o Pivô Arte e Pesquisa, apresentando “Zé di Cabeça” – eu, o sonho do meu pai.

Todo mundo do Acervo da Laje tem que vir para cá, para a Martinica: Carol Souza, Aline, Vilma, Suzana, Suely, Luciana, Kailane, Matheus, Pedro Henrique, Jorginho, Renata, Samantha, João Vítor, Alessandro, Edinho, Paulo, as crianças, Sandra Leandro, Gaia, Carol Lima.

José Eduardo Ferreira Santos

DOZE DIAS SEM MEDO

"Eu te digo o que liberdade significa para mim:
nenhum medo!

Eu quero dizer, realmente: nenhum medo!

Se eu pudesse ter isso por metade da minha
vida... nenhum medo!

Esse é o jeito mais próximo que eu posso
descrever, não é tudo, mas é algo realmente...
realmente que se sente...

Como um novo jeito de enxergar algo"

(Nina Simone, em *Entrevistas raras: Nina Simone fala sobre liberdade*, disponível no Youtube)¹⁸

Glissant, bom dia.

Hoje, quero comentar que estou aqui, na Martinica, vivendo uma experiência muito forte e intensa, e só pude nomeá-la, hoje, pela manhã: estou aqui há doze dias, sem medo.

Sem medo de ser assaltado, sem medo da violência, sem medo da minha frágil e vilipendiada cidadania brasileira, sem medo dos programas sensacionalistas, sem medo das mortes contínuas e dos tiroteios incessantes da minha cidade, do meu estado.

Estou há doze dias sem pensar no medo, sem vivê-lo, e isso parece inacreditável dada a recorrência que temos em pensar no medo quando estamos no Brasil. Temos medo de viver e medo das nossas pessoas queridas que podem estar em risco em qualquer lugar, visto que a sensação de insegurança está onipresente.

18 SIMONE, Nina. *Entrevistas raras: Nina Simone fala sobre liberdade*. YouTube, Undercover (vídeo de entrevista), 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF9j4lMoSQk>. Acesso em: 27 out. 2025.

Amo o meu país, mas a cidadania que temos, fragilizada e vilipendiada, é assustadora.

Não sei o que acontecerá na volta, mas só o fato de estar, aqui, pensando, escrevendo, descansando, trabalhando, cuidando, daqui, das coisas do Acervo da Laje e da exposição é uma alegria.

É uma alegria poder fazer parte de um território tão inspirador como o Subúrbio Ferroviário de Salvador. A despeito das inverdades ditas sobre o território, há muita gente batalhando cotidianamente para mudar a realidade: o Instituto Eumelanina, o Restaurante Boca de Galinha e tantos outros espaços que me fazem pensar o mundo a partir das suas vistas e varandas, como a do Acervo, o T de Tubarão e a vista do Boca.

Durante uma *live* pelo Instagram do Acervo da Laje, a professora Gabriela Leandro Pereira, a Gaia, me enviou um vídeo¹⁹ de Nina Simone falando justamente sobre viver sem medo - porque viver sem medo permite olhar o mundo com amorosidade, paixão, esperança e vida. Sem medo, é possível conhecer mais a fundo a vida e a cidade. Sem medo, é possível caminhar em direções desconhecidas, com a certeza de que o desconhecido é possibilidade, não impedimento.

Sem medo, é possível preocupar-se apenas com o necessário, sem o adoecimento mental que vivemos nas grandes cidades brasileiras - e até nas pequenas -, esse sofrimento antecipado pela nossa vida e pela vida das pessoas que amamos, já que o Estado não tem políticas eficazes de segurança pública e tudo é frágil: até a certeza, no Brasil, é frágil, e isso nos adoce e nos deixa inconformados.

Doze dias sem medo são um início de paz, de novas elaborações, de desejos, de projeções de futuro, de alegria de viver.

Doze dias sem medo servem para pensar a cidadania plena e os direitos.

Nina Simone foi profética: liberdade é não ter medo, nenhum medo!

E se é assim, só posso dizer que muitas vezes estamos presos nesse sentimento e nessa sensação paralisante, que não nos permite viver em plenitude.

Viver no medo é uma prisão contínua e perpétua, e, no Brasil, o medo é uma música de fundo.

Quanta vida e quantos conhecimentos, projetos, sentidos, desejos e possibilidades são destruídos por conta do medo?

Quantos sonhos, projetos de vida, de país e de futuro não se concretizaram por conta do medo?

E quanta gente ganha dinheiro com o medo?

Perdemos tanto com ele que é urgente apostar em outras epistemologias. É preciso que as jovens e os jovens das nossas periferias façam essas experiências, para voltarem mais conscientes de que o medo não é a norma nem a medida do mundo, nem da vida. O medo é uma construção social, histórica e de negação de direitos. Viver sob a égide do medo é confirmar a fragilidade da nossa cidadania e de uma democracia também frágil.

E nesse sentido é preciso operar por mais justiça, direitos e horizontes de vida, principalmente para as novas gerações e as gerações que mais contribuíram para a nossa vida em sociedade.

O nosso trabalho no Acervo da Laje - principalmente com as crianças - é oferecer a experiência de viver sem medo. Arte, educação, memória, exposições, oficinas e curadorias convergem para isso: aprender a viver sem medo. Que cada ação nossa, intencional ou não, afirme essa política e essa cultura da vida e da liberdade: viver sem medo.

Viver sem medo é necessário, Glissant.

Muito obrigado,
José Eduardo Ferreira Santos

PS: No fim do dia, envie esta mensagem no grupo de WhatsApp do Acervo da Laje:

Eu queria dar um abraço em vocês e contar uma experiência que tive hoje, numa *live*, de manhã, com a professora Gabriela Gaia. Percebi que passei doze dias sem ter medo de nada. Não sei explicar direito. Há um vídeo da Nina Simone sobre o que é liberdade, e, para ela, liberdade é não ter medo. Foi muito forte. Espero que vocês, um dia, possam vir à Martinica e a outros lugares para sentir o que é viver sem medo. Estou muito impressionado com isso. Bom fim de semana e muito obrigado por tudo.

Respostas:

Aline: Já pode arrumar a mala, professor?

Vilma: Quem está precisando disso para não ter medo sou eu. Eu estou precisando passar uns quinze dias sem ter medo de nada: de levantar, de falar, de sorrir, de dormir e de acordar.

Suely Santos: Quando você for de novo, me leva na mala, viu!

Gabriela Leandro: Adorei! É isso! Viver sem medo permite um novo modo de enxergar as coisas. As crianças precisam experimentar isso!

GLISSANT E A BAHIA: UMA VIAGEM DESEJADA

Glissant, bom dia.

Fiquei muito comovido quando Sylvie me disse que queria muito visitar a Bahia e que isso não aconteceu por conta do seu adoecimento.

São muitas Bahias, pois a Bahia é imensa e precisamos de muito tempo para conhecê-la, por isso vou focar na minha geografia da Bahia, começando pela periferia de Salvador, passando pelo seu centro e chegando até o Recôncavo Baiano.

Você iria amar a Ilha de Itaparica e a Ilha de Maré: uma fica em frente à cidade de Salvador e a outra, bem no finalzinho do Subúrbio Ferroviário. Em ambas, o mar é generoso, calmo, águas mornas e tonalidades infinitas de azuis.

A minha Bahia é Salvador, capital do estado, e dentro dela o meu lugar é o Subúrbio Ferroviário, lugar histórico, vivo, lugar onde nasci, vivo e atuo, a partir dali para o mundo.

Eu te levaria para as lajes das periferias, para você se encantar com as vistas que se descortinam, para a laje do Acervo da Laje, do Restaurante Boca de Galinha para comer uma moqueca; para o Elevador Lacerda, onde você veria a cidade em dois planos: Cidade Alta e Cidade Baixa. Você iria amar o Recôncavo Baiano e cidades como Santo Amaro da Purificação e Cachoeira, por conta da proximidade com as paisagens da Martinica; além, é claro, das histórias.

Você ia amar as feiras, como a das Sete Portas, a São Joaquim, a Paripe. Terreiros e igrejas também acho que iriam te interessar pela beleza mística, plástica e pela dimensão do mistério tão presentes aqui na Bahia.

O Parque São Bartolomeu ia te surpreender bastante pela diversidade de ecologias dentro de um mesmo território: cachoeiras, lagos, mangues, rios, fontes, floresta, pedras, um espetáculo de diversidade, história, religiosidade...

José Eduardo Ferreira Santos

Glissant, bom dia.

O Diamante

O espírito das coisas
O espírito dos ventos
O espírito - mar
O espírito dos pássaros
O espírito - terra
O espírito - vida
Repousa aqui...

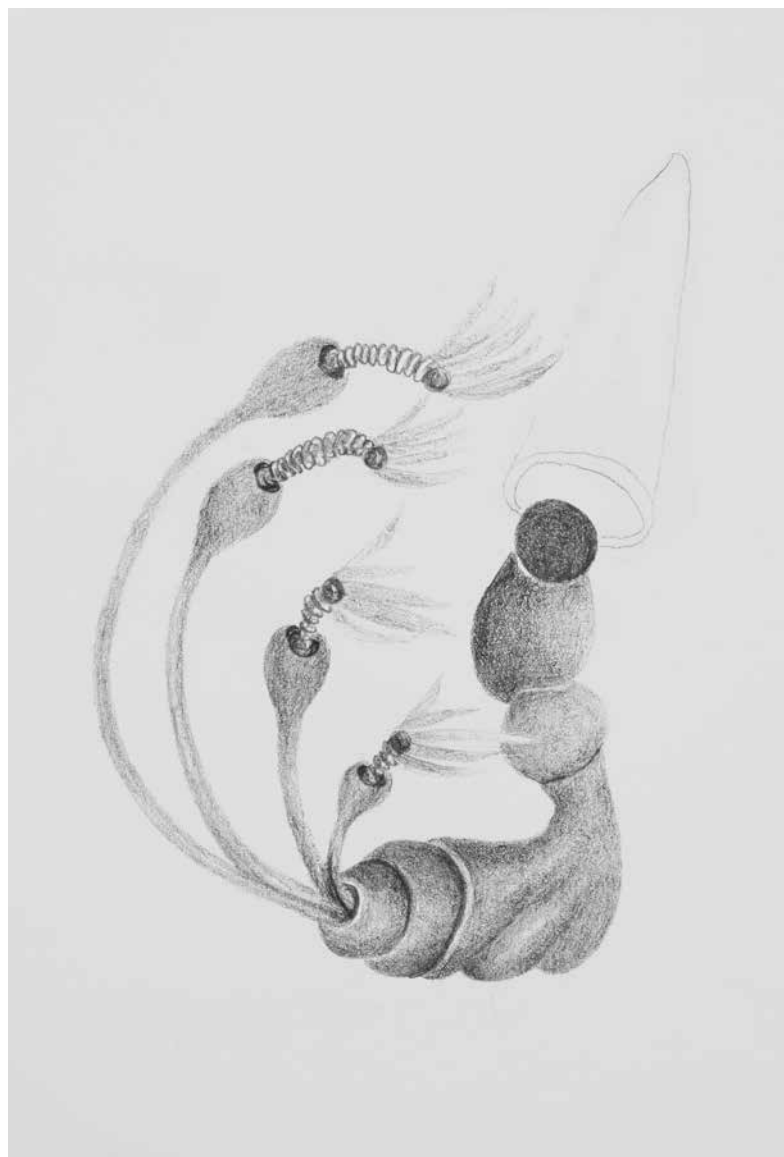
O espírito das palavras
O espírito das coisas que se movem
O espírito das coisas que não se mostram
O espírito - noite
O espírito - pedra
O espírito - língua
O espírito - chuva
Repousa aqui...

0 espírito - música
0 espírito - poesia
0 espírito - arquipélago
0 espírito - cidade
0 espírito - mistério
0 espírito - olho
0 espírito - planta
Repousa aqui...

0 espírito das almas
0 espírito da paz
0 espírito do encontro
0 espírito oceânico
0 espírito da luz
Repousa aqui...

0 espírito do fogo
0 espírito da luz
Repousa aqui...

José Eduardo Ferreira Santos



ANCESTRALIDADE NÃO É UMA PALAVRA VAZIA

Glissant, bom dia.

Me despedindo por aqui e agradecendo a Sylvie e a você por tudo, veio em mim a percepção de que precisamos cuidar mais da palavra *ancestralidade*, porque ela está se tornando uma palavra vazia, um adjetivo, usada como um gerundismo – um vício de linguagem, uma expressão esvaziada.

Sei que todos querem ter ancestralidade, mas é preciso cuidado: nem tudo o que se tem se diz.

Parcimônia, por favor. O mistério tem seus interditos, suas nuances e não pede espalhafatos.

Nem sempre a última apresentação é a síntese da vida. É preciso se guardar. A lógica do vazio supõe falas e definições garbosas de si.

Vô sabia disso e me ensinava tudo em silêncio, segredo e afeto.

Evocar a ancestralidade a esmo, banalmente, é um perigo, pois é lançar esse conceito, essa presença em um vazio de sentido que nem permite que ela, a ancestralidade, se manifeste.

Eu não sei se você não sabe, mas ancestralidade não é vazio, eco, imaginação: ancestralidade é presença. E forte. E companheira. E amiga. E cuidadora dos nossos passos aqui, na Martinica.

Quem tanto evoca ancestralidade se esquece de evocar presença. E ancestralidade é presença, e presença cuida.

Vamos repensar o jeito de nos apresentarmos ao mundo.

Eu chamo de ancestralidade as ancestralidades que têm nome e me deram colo, carinho, afeto, comida e amor...

Ancestralidade anônima é furada...

Ancestralidade genérica é alma penada...

Respeitem as palavras...

Ancestralidade é presença e não é um modismo vernacular transitório.

Ancestralidade é presença, de modo que, se você não entender, respeite.

Aqui, na residência, Glissant, ela foi presença o tempo inteiro, sem precisar dizer essa palavra.

Tanto a presença quanto a ancestralidade devem educar pelo que são e por como se manifestam. Se isso se perde pelo uso vazio, é um sintoma desta geração que tenta apreender tudo em um conceito e não consegue. Quando não for possível, o silêncio também grita e evoca. É preciso reensinar a liturgia da evocação do sagrado, para que não se torne banal.

José Eduardo Ferreira Santos

17 de agosto de 2025

GLISSANT FEZ A JUVENTUDE DA PERIFERIA SONHAR

Glissant, boa noite.

Essa viagem, essa experiência, tudo o que vivi e estou vivendo, e o que fica na memória e nos registros não têm preço diante do que consegui: todo mundo que trabalha no Acervo da Laje – e inclusive os mais jovens – começou a sonhar. E estar na periferia e sonhar é uma vitória sem precedentes na vida...

Sonhar que é possível ir a Paris ou à Martinica é a vida se expandir em horizontes inimagináveis... Você, daqui da sua casa, fez todo mundo sonhar em viajar...

Você fez com que

Matheus,

Suely,

Kailane,

Samantha,

Vilma,

Aline,

Luciana,

Paulo Eduardo,

Lucas,

João Vítor,

Alessandro,

Débora,

Suzana,

Paulo,

Edinho,

Pessoas adultas, jovens, adolescentes e crianças aprendam (e estão aprendendo) que o mundo tem outros horizontes...

Glissant une mundos.

José Eduardo Ferreira Santos

AH, SIM, EU SOU BONITO.
É MAIS DO QUE APENAS FLUTUAR.

Glissant, boa noite.

Estamos voltando para o Brasil, e um pedaço imensurável do meu coração tem você, Sylvie, a ilha e a Martinica como experiência intransponível de vida.

Cada dia foi memorável.

Foi um período de diálogo e escuta.

No início, eu queria cartografar tudo, mas depois entendi que a beleza da vida é o encontro e é o diálogo, por isso resolvi encontrar vocês e dialogar em todas as esferas possíveis.

Ando pensando que cartografar ao acaso, ou tomar a cartografia como primeira sugestão de pesquisa, é quase uma atitude colonial e acadêmica.

Aí, na Casa do Diamante, eu pude voltar a ouvir os pássaros noite adentro e dialogar com eles.

Pude voltar a me entregar e me reencontrar com o mar que tanto amo, e pude bailar com ele, passar horas e horas curando meu corpo e sarando a minha alma das lutas que vivo e enfrento no Brasil.

Foi mais do que apenas flutuar.

Foi descobrir de novo como valorizar a vida, o amor, as conquistas, as alegrias, as esperanças e os enfrentamentos.

Foi para aprender como a obra educa o mundo - e a tua obra, Glissant, está educando o mundo e nos ensinando a olhar pela fresta de poesia que brota da novidade que é a vida bem vivida, e você a viveu, e eu quero aprender a viver.

Foi para ver a vida bem vivida e o testemunho de Sylvie, e sua contribuição para educar o mundo com arte, beleza, filosofia, literatura, memória e educação.

Foi para respirar, sorver a vida com a alegria da coisa inaugural.

Foi pelo amor à paisagem e como podemos aprender com ela e suas infinitas camadas de história, habitação e vidas.

Essa residência artística está sendo a nutrição do futuro; a gestação da vida prometida em algum momento do destino. Ela é, por si, histórica, porque ir à Martinica é tocar na história das lutas anticoloniais, pelas mãos de Césaire; Fanon; você, Glissant; e Chamoiseau.

Vendo como vocês povoaram o mundo com suas ideias, estou inspirado a retomar a escrita como forma de compartilhar com o mundo o que vivemos e pensamos a partir da nossa experiência com o Acervo da Laje, no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

A coisa mais bela do teu pensamento tem a ver com a Poética da Relação e do encontro – bases da vida.

Tem sido uma despedida difícil, mas necessária, porque retornar ao Brasil é poder comunicar o vivido e te apresentar a mais pessoas, como quem apresenta um amigo, uma pessoa querida que a vida me mostrou nessa viagem incrível.

Fomos abraçados e cuidados por artistas da Martinica e por pessoas que estavam lá.

Jamais esquecerei a fartura dos almoços e dos jantares, e o rum cotidiano, que transformei em caipirinha.

O rum celebra os mortos, como eram as cerimônias mortuárias dos negros, os gurufins. Até recentemente, nós “bebíamos o defunto”, ou “bebíamos o morto”, para celebrar a sua existência imorredoura entre nós, porque a última palavra sobre a vida é a vida – e quem gerou vida em qualquer esfera ou plano, mesmo que seja difícil conceituar a vida, jamais morrerá.

Pais e mães fazem nascer e criam filhos que são carnavais, do coração, do pensamento e da vida. São tantas formas de gerar uma vida, que estou muito feliz de estar vivendo tudo isso aos cinquenta anos de idade. É como uma porta de esperança para que eu não me perca na vaidade, na desesperança ou no desencantamento.

Não, essa residência me fez reencantar o olhar para a vida e seus enfrentamentos; me fez mais cômico de mim e das pessoas que amo e que estão comigo trilhando esses caminhos de luz e paz, nessa aventura humana.

Voltar, agora, é continuar o caminho e devolver o melhor que puder para as pessoas do meu território e para todo mundo que está no Acervo.

Cuidar do futuro. Promover sonhos. Criar pontes e artes. Desenvolver novas curadorias. Usar o tempo para bem viver e jamais perdê-lo com o que não presta.

E agradecer a Ana Roman, Paulo Miyada, Gabriela Moulin, Amanda Sammour e a toda a equipe do Instituto Tomie Ohtake por essa confiança e essa parceria. À Coleção Ivani e Jorge Yunes, à Beatriz, ao Instituto Guimarães Rosa, à Sylvie Séma Glissant, ao Édouard Glissant Art Fund – vocês possibilitaram, através de mim, muitos sonhos coletivos que a vida vai realizar.

Ah, eu sou bonito

Desculpem a imodéstia do título aleatório do tradutor eletrônico, mas essa viagem aconteceu durante a minha primeira exposição individual, com curadoria do querido Ramon Martins, e vir para a Martinica foi como renovar o olhar diante da vida e da necessidade de me expressar no mundo, dessa forma polígrafa de ser: falando, escrevendo, pintando, dialogando – tudo com esse desejo infinito de afirmar a beleza da vida.

Enquanto viajei, uma equipe em Salvador cuidou de tudo: Edinho, Aline, Suzana, Kailane, Paulo, Luciana, Rafa, Vilma. Muito obrigado por tornarem a minha vida melhor e mais intensa. Espero poder recompensar vocês a cada dia dessa existência, e que possamos amadurecer juntos em um bom caminho.

Eu sou bonito porque não estou sozinho. Como diz a música: “não mexe comigo que eu não ando só”.²⁰

Eu me lembro muito da minha mãe, Maria Helena Ferreira Santos, e de meu pai, José Silva Santos, ambos de saudosa memória, que estão aqui dentro do meu coração e na eternidade das coisas e dos amores bonitos me acompanhando com as suas presenças contínuas com as ondas do mar de Diamante, na Martinica.

Eu me jogo na vida porque estive com vocês e os tenho agora em outra dimensão – e essa memória celebro todo dia.

Eu sou bonito porque tenho vocês na minha eternidade – e, quando nos encontrarmos, a vida reviverá.

De vocês, carrego o amor incondicional pela vida.

Eu me vi muitas vezes como uma criança que aprende a balbuciar as primeiras palavras ou aprende o “beabá”.

Como criança, aprendi a ver as paisagens deslumbrantes da Martinica, me encantei pelo seu povo, pelo mar, pela natureza, pela história, e tudo isso com as companhias da Rayana Rayo e da Sylvie. Ah, e não houve barreiras linguísticas, pois a presença, o afeto e a empatia vencem todas e quaisquer barreiras. Ah, e prestar atenção, como ensinava Simone Weil.

A presença de Glissant educa o olhar para a beleza e a memória, e o que é considerado ordinário ganha vida e passa a ser algo notável, digno de nota.

Essa é uma forma permanente de educar pela maravilha. Esse olhar filosófico de Glissant ainda há de descortinar muitos universos para as novas gerações: sua vida e sua obra continuarão a reverberar, estimulando novos encontros, leituras, diálogos e pesquisas, mantendo a obra viva, potencializando-a no mundo e inspirando novas e novos pensadores a dialogar com todo o mundo.

Você, Glissant, inspira a olhar os mistérios, o mundo que fazemos e que nos rodeia. Nós somos o mundo de muita gente e muita gente é o nosso mundo, e precisamos nos inspirar e nos retroalimentar do melhor que tivermos, como fui nutrido nessa residência artística.

É preciso criar e nutrir outras epistemologias que nos curem das dores do mundo.

Epistemologias que nos curem dos sobressaltos dos homens ociosos que arrotam desesperança e tirania.

A epistemologia de Glissant é a da fartura - da mesa farta, das amizades fartas, da fartura da vida. E a fartura me lembra meus pais e o amor da minha vida: Vilma.

Com ela, aprendo essa epistemologia da fartura, porque ela sempre oferece o que há de melhor para todas as pessoas. É por isso que todo mundo cria uma memória afetiva do Acervo da Laje: porque nós trabalhamos com a epistemologia da fartura, da casa cheia, da mesa cheia, sem misérias, pois a forma primeira de criar, gerar e educar é pela alimentação - pelo sagrado alimento.

A epistemologia de Sylvie e Glissant é, também, uma epistemologia da fartura da casa, da mesa, dos saberes, da paisagem, das relações. Dali, todo mundo sai mudado, e não tem como ser diferente, pois, depois de sermos apresentados a essa epistemologia da fartura, temos que reafirmá-la no nosso cotidiano, onde quer que estejamos. E isso é mais um convite do que uma obrigação, é por ter vivido a História.

As pessoas pensam que não fazem história, mas fazem, sim. E quando tomam consciência disso, saem da banalidade e se tornam protagonistas da sua e da nossa História, com H maiúsculo.

Acho que volto com o compromisso de continuar, junto com Vilma, povoando o mundo com essa epistemologia da fartura.

Olhei para o mar, diariamente, com os olhos de quem vê pela primeira vez. Aproveitei as noites por cada segundo, madrugada adentro, com as infinitas vidas que habitam as florestas e os mares.

Vivi e senti os ventos e as chuvas sempre vindas de frente do mar, e jamais esquecerei o dia em que a Rocha do Diamante se manifestou para mim com brilho, luz, chuvas, nuvens e dois arcos-íris completos, quando fiquei sozinho com ela no mirante. E, por conta disso, chorei muito de estupefação diante da beleza, e é preciso viver essas experiências para entender que o coração está vivo e se comove sempre.

Foi um choro libertador, de alegria pela vida, de gratidão por estar vivo.

E a Martinica superou tudo, todo o imaginário que eu tinha. Ela é maior, ela é grande e, mesmo com suas dores coloniais e feridas abertas, o povo e o lugar são maravilhosos, incríveis. Eu queria que mais pessoas de Salvador e do Subúrbio Ferroviário pudessem ter essa experiência.

E eu podia falar de tudo, mas os jardins também me comoveram bastante pela sua diversidade e sua beleza.

A experiência de ver os crótons envelhecidos e plenos foi fascinante.

Os *flamboyants* amarelos me encantaram e me fizeram voltar às minhas primeiras experiências de alumbramento na infância, lembrando o conceito poético do grande Manuel Bandeira.

E essa viagem me fez descobrir que muito do meu repertório primeiro e permanente vem da Música Popular Brasileira e da poesia, que comecei a ler no curso de datilografia, em 1987, quando eu queria ser cineasta, ator, escritor, roteirista e crítico de arte, *rs*.

No fundo, eu queria escrever noite adentro, como estas cartas que te enviei, Glissant.

Eu queria dançar e beber com as palavras, contando histórias ou mesmo dialogando com quem tiver disposição para ler o que escrevo.

Escrever é um ato relacional.

Escrever é estender a mão, esperando reciprocidade, mesmo que ela não venha – mas ela vem.

Escrever é um gesto de esperança e de se comunicar com o mundo.

Escrever provoca encontros muitas vezes impensáveis, porque quem escreve cria e é contrário à inércia.

E há escritas poéticas, carregadas de vida, por dentro da tinta. E as escritas poéticas estão sempre prenhes, gestando vidas; nunca param de atuar, de ativar encontros no mundo.

A escrita poética atiga o desejo, a curiosidade e se torna companhia para alguém.

A escrita poética instiga a criação e supera o vazio de ideias, por sua natureza ser dialógica.

A escrita poética evoca, convoca. Sugere sentidos.

Abre portas e caminhos e vai sempre tocar a inteligência de alguém que anda com grandes perguntas na mente e no coração.

A escrita poética pode ser, também, uma conversa, como o seu livro *Conversas do arquipélago*, com Hans Ulrich Obrist, que foi meu primeiro encontro com você e sua obra, Glissant. Ali iniciei esse diálogo.

A escrita poética é polígrafa, como as obras de Rayana Rayo e o testemunho de Sylvie Séma Glissant – tão poética que não conseguimos anotar ou documentar o que é ver o nascimento de uma escrita poética. É, de novo, vivenciar o acontecer da História.

Inventariar sem tocar ou recolher foi meu gesto curatorial e artístico nessa residência.

Não trouxe nenhuma materialidade e me entreguei plenamente à abertura relacional de estar no mesmo lugar que você e viver um pouco do seu universo.

E, como exercício ou testemunho do processo criativo, escrevi cartas e fiz alguns desenhos, pensando em dialogar com você, documentando em palavras as reverberações do seu lugar e da sua presença em mim.

De homem negro para homem negro. De escritor para escritor. De uma Casa única para outra Casa única. E para mulheres que mudam o mundo.

Inventariar a partir do afeto e do cuidado foi a proposta que vivi: cuidar do jardim, andar, ir à praia, seguir a dinâmica relacional e real da vida ordinária, que excede a sua normalidade e se torna grande – um acontecimento.

Essa forma de inventariar me trouxe paz, e não quis sentir aquele frêmito de quem precisa mexer em tudo, sem respeitar os fluxos e energias que repousam nos cantos, quartos, quintais, varandas e caminhos.

É preciso dizer que as coisas também querem descansar e ter paz, assim como nós.

As almas das coisas precisam repousar, senão ficam por aí, desencantadas, tumultuando o mundo.

A alma das coisas precisa repousar.

Por isso, quando chegar a um lugar sagrado como esse, ou outros, respeite a alma das coisas e não toque em nada sem permissão. E, quando o fizer, peça licença aos donos da casa, à dona da casa, aos encantos e espíritos que habitam o lugar, às vidas que nos precederam ali. Seja discreto e respeitoso, porque, se você for aceito e a licença lhe for dada, um passarinho virá à mesa o tempo todo conversar com você, e trará outros passarinhos para partilhar o café da manhã, o almoço, a janta e os momentos de trabalho. Ou o *touloulou* que sai da toca e vem participar da sua *live*, dialogando com as pessoas amigas no Brasil.

Os passarinhos e os *touloulous* são mensageiros do ar e da terra, presentes na ilha, e vieram cotidianamente afirmar que a licença nos foi dada.

Só nós sabemos a alegria dessa companhia voadora, que dava cambalhotas na corda da rede após se alimentar junto a nós e compartilhar o seu tempo conosco.

E passarinhos reconhecem as almas benfazejas. Minha gata Pitty e o meu cachorro Acervo, *idem*.

Eles antecipam o bem e o mal, ou melhor: eles reconhecem o bem e antecipam o mal.

E nos protegem e se sentem protegidos.

E se aproximam porque sabem ler a alma humana.

E esse passarinho foi nossa companhia e ainda influenciava os outros a vir ficar conosco.

Eu vivi muitas vidas nessa residência, e a primeira delas foi a minha vida - fazendo curadoria de mim, alimentando meus processos e imaginários, fazendo amizades, lendo, ouvindo músicas, tecendo planos e curadorias, dizendo sim e não, crescendo, tomando decisões, amando as pessoas, criando, inquieto pelo mundo.

A beleza da língua está na comunicação, e como quero me comunicar, vou aprender o francês e o inglês.

Vai dar certo - e como é bonito ver as pessoas se comunicando em sua língua.

Uma das belezas do mundo é a diversidade de línguas e de povos, e como o povo da Martinica é de uma beleza e uma plenitude deslumbrantes, me lembrou muito a Bahia, só que sem o período difícil que vivemos.

Descobri que o coqueiro tem três raízes e que, para estar de pé, é importante ter múltiplos pertencimentos. Lembrei-me da frase de uma querida professora do doutorado: "autonomia é pertencer a muita gente". E, assim como o coqueiro, quero ter mais raízes para estar mais no mundo. Ou rizomas.

Esse negócio de raiz única - Deus é mais. E você comenta isso no *Conversas*...

Reconhecer quem apoia e faz crescer. Retribuir com amor e trabalho.

A pedra é o tempo que olha para nós.

A pedra viva é a manifestação do tempo, nos ensinando sobre perenidade e fugacidade.

Estar na ilha, perto das pedras, cercado por elas e avistar o tempo inteiro a Rocha do Diamante foi um desconcerto constante diante da beleza. Sim, a beleza nos desconcerta - a grande beleza, a justa beleza. E o Diamante é a beleza descomunal, pressentida, quase impossível de crer, tamanhos são a sua força e o fascínio que provoca em quem a vê.

Ela, a Rocha do Diamante, surge todos os dias e se apresenta de um modo diferente, sempre. Combina ou contrasta com os azuis, os verdes, os violetas - em infinitas tonalidades de mares e céus.

A rocha, o mar, o céu e as montanhas que emolduram a Casa do Diamante são de tirar o fôlego de quem ali chega.

A fartura da paisagem sacia a alma, sacia o coração e me enche de perguntas.

A pedra é mística - e mágica!

A pedra é a documentação da memória antiga, imemorial.

Ela é o atestado do tempo nas suas grandes dimensões daquilo que chamamos de história humana.

Silenciosamente, ela vai vendo o nosso estupor e a nossa passagem, em gerações.

Mas ela também acolhe, sempre, a vida.

A pedra tem vida - e aprendi isso desde muito cedo, no Parque São Bartolomeu, com a Pedra-que-Cresce, ou a Pedra do Tempo.

Na sua aparente imobilidade, a pedra vive.

Acordar toda manhã e ver a Rocha do Diamante é vivenciar o desconcerto diante da beleza do mundo a partir da Martinica, da Casa do Glissant e da Sylvie.

A pedra é o horizonte infinito, inalcançável pelo que guarda e presenciou.

A pedra é a história...

Ela é o motivo da poesia diária.

Ela é a inspiração que instiga o filósofo a se perguntar sempre mais.

Ela é a medida do tempo. Se não for o tempo...

A Casa do Diamante é um lugar - é lugar-abraço, lugar-encanto, lugar com a varanda voltada para o infinito. Um lugar de pesquisa e acolhimento, propício para inspirar artistas, pesquisadores, intelectuais e o povo.

Por sua importância, a Casa do Diamante já pode ser considerada um centro de interpretação do mundo a partir do pensamento de Glissant, da territorialidade e da maritimidade da Martinica.

Com três quartos, cozinha, dois banheiros e uma varanda monumental, da qual se descortinam o mar, a Rocha do Diamante, as montanhas e os céus, a Casa do Diamante é um lugar para se inspirar, pesquisar, sonhar e escrever a partir da sua linguagem. Perto da praia do Diamante, sua existência é memorável e estimula novas gerações a pensar suas territorialidades e maritimidades - e, a partir daí, pensar o mundo e elaborar suas práticas e reflexões.

A existência da Casa do Diamante me fez sonhar e acreditar mais no trabalho que fazemos no Acervo da Laje, além de indicar que não estamos sozinhos no mundo. Outras casas de artistas e intelectuais nos precederam e reafirmam que muitas outras surgirão, como testemunho de continuidade e de produção de conhecimento, memórias, artes e educação.

A Casa do Diamante é o ambiente propício para pesquisar, criar projetos, gestar o futuro e se curar das feridas da alma e do corpo, pois nela tudo cura: o chão, as plantas, o vento, as águas, o mar, a chuva. Tudo cura - e eu volto curado de muita coisa, mas, sobretudo, curado pela escrita, que retornou a mim depois de algum tempo.

A Casa do Diamante é uma casa de cura pela arte, memória e paisagem...

O arrebatamento que a paisagem provoca cura qualquer desencanto, desânimo, desilusão, medo ou indiferença.

A cura pela paisagem.

A retomada de si pelo choque do encontro com a paisagem arrebatadora.

A casa como nicho que acolhe e, ao mesmo tempo, impulsiona para outros cantos do mundo.

A Casa do Diamante é uma casa geradora de pensamento e de gestação do futuro.

A casa como metáfora da ecologia.

A casa como metáfora do mundo.

A casa como gesto de *amor mundi*.

A casa como lugar da memória.

A casa com seu jardim...

A casa em que eu viveria para sempre.

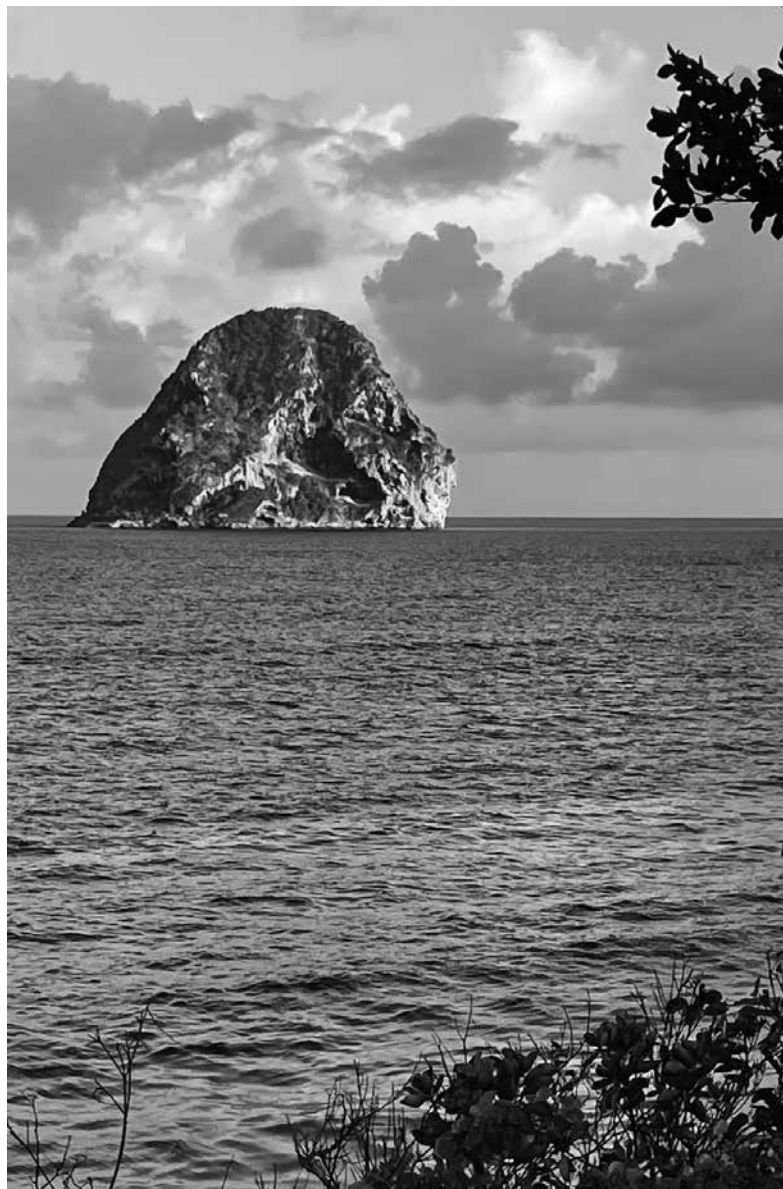
A casa em que eu vivi.

A casa em que eu vivi dias sem medo.

A casa em que eu conversei com passarinhos...

É uma casa povoada de memórias, e sua localização é um primor - uma maravilha do mundo. Tamanha, que é difícil descrever.

Com afeto,
José Eduardo Ferreira Santos



Vista da Maison du Diamant



José Eduardo Ferreira Santos e Rayana Rayo participaram, em 2025, da residência artística mantida pelo Glissant Art Fund na casa de Édouard Glissant, na Martinica. Realizaram também imersão na coleção africana do Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, onde apresentaram obras a partir de novembro de 2025. A residência teve o apolo de Coleção Ivani e Jorge Yunes e do Instituto Guimarães Rosa, no âmbito da Temporada Brasil-França (2025). A intervenção foi resultado da parceria entre o MON e o Instituto Tomie Ohtake.

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

Pedagogo, mestre em Psicologia, doutor em Saúde Pública e pós-doutor em Cultura Contemporânea. É nascido e criado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, onde fundou, ao lado de sua esposa, Vilma Santos, o Acervo da Laje, espaço cultural independente que funciona como casa, museu e escola, dedicado à preservação e valorização das expressões artísticas e culturais das periferias soteropolitanas. Durante a pandemia de Covid-19, sua pesquisa se expandiu em direção ao desenho, à pintura, à escrita e à colagem. Em suas obras, azulejos, madeiras de demolição encontradas nos lugares por onde passa e materiais descartados trazidos pelas marés se tornam matéria para a expressão visual de uma crítica aos apagamentos e silenciamentos que atravessam os afetos dos territórios tidos como periféricos.

Seu trabalho já esteve presente em exposições coletivas em instituições como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio, Sede da ONU (Suíça), Museu das Favelas (São Paulo), Itaú Cultural (São Paulo), Instituto Tomie Ohtake (São Paulo) e Casa das Histórias de Salvador. José Eduardo também participou como curador em projetos na Pinacoteca do Ceará, no Museu das Favelas (Rio de Janeiro), no Solar Ferrão (Bahia) e no Acervo da Laje (Bahia).

RAYANA RAYO

Artista visual autodidata cuja produção se inicia a partir da convivência com o pai e com o circuito artístico pernambucano. Suas pinturas, que evocam paisagens ou organismos vegetais, constituem um bioma próprio, que responde a experiências sensíveis e a elaborações subjetivas. De caráter onírico, suas representações não buscam correspondência imediata com o mundo exterior. Ainda que este seja sugerido em suas formas, para a artista, a pintura se afirma como um instrumento de materialização de memórias, desejos e experiências cotidianas, ao mesmo tempo em que estabelece diálogo com a tradição artística pernambucana.

Desde 2015, quando passou a se dedicar à pintura, participou de exposições individuais na Cidade do México, Recife, Olinda e Fortaleza. Também participou de exposições coletivas como *A terra, o fogo, a água e os ventos - Por um Museu da Errância com Édouard Glissant*, no Instituto Tomie Ohtake, em 2025 - ocasião na qual realizou a residência artística promovida pela Édouard Glissant Art Fund, na Martinica; *Entre colapsos e encantamentos*, na Galeria ReOcupa (São Paulo); *Surge et veni*, na Millan (São Paulo); *Invenção dos reinos*, na Oficina Francisco Brennand (Recife); *Solar nascente*, no Solar dos Abacaxis (Rio de Janeiro); entre outras. Sua obra integra o acervo da Pinacoteca de São Paulo e do REC Cultural, em Recife.

INVENTAR-INVENTÁRIO
CARTAS PARA ÉDOUARD GLISSANT

REALIZAÇÃO

Instituto Tomie Ohtake

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Roman

Divina Prado

Felipe Carnevalli

TEXTOS

Ana Roman

José Eduardo

Ferreira Santos

PROJETO GRÁFICO

Catê Bloise

Tie Ito

Vitor Cesar

PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Ana Roman

Divina Prado

Felipe Carnevalli

REVISÃO

Divina Prado

Felipe Carnevalli

Trema Textos I

Rachel Murta

IMAGENS

**Páginas 20, 32, 46,
60, 74 e 86**

Rayana Rayo

Sem título, série

Nous avons rendez-vous

où les océans

se rencontrent

[Nós temos um encontro

onde os oceanos

se encontram], 2025

Grafite sobre papel

Dimensões variadas

Fotos: Ricardo Miyada

AGRADECIMENTOS

Temporada

França-Brasil 2025,

Institut Français,

Instituto Guimarães

Rosa (Itamaraty),

Ministério das Relações

Exteriores, Engie,

LVMH, ADEO, JCDecaux,

Sanofi, Airbus, CMA

CGM, CNP Seguradora,

L'Oréal, TotalEnergies,

Vinci, BNP Paribas,

Carrefour, VICAT,

SCOR, Mémorial ACTe,

Édouard Glissant Art

Fund, Institut du

Tout-Monde, Center

for Art, Research and

Alliances, Museu Oscar

Niemeyer, Alexandra

Mollof, Cleusa

Garfinkel, Coleção

Ivani e Jorge Yunes,

Laura Ning, Rayana

Rayo, Sarina Tang,

Sylvie Séma Glissant,

Mathieu Glissant,

Ronan Grossiat

IMPRESSÃO

Gráfica Cinelândia

PAPÉIS

Color Plus Cartagena

180g/m²

Pólen Bold 90g/m²

TIPOGRAFIAS

EK Roumauld

Transcript Mono Pro

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN

978-65-89342-71-7

**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE**

CONSELHO DELIBERATIVO
Ricardo Ohtake
Fundador do Instituto
Tomie Ohtake e
Presidente do Conselho
Deliberativo
Aurea Leszczynski
Vieira Gonçalves
Vice-presidenta
do Conselho

Antonio de Souza
Corrêa Meyer
Clovís Hideaki Ikeda
Fernando Gomes
de Moraes
Frances Reynolds
Inês Mindlin Lafer
Liliane Cássia Rocha
dos Santos
Renata Carvalho
Beltrão C. Biselli
Ricardo Garin
Ribeiro Simon
Roberto Miranda de Lima
Walter Appel

DIRETORIA ESTATUTÁRIA
Marcy Junqueira
Presidenta
Rodrigo Ohtake
Vice-presidente
Taís Wohlmuth Reis
Vice-presidenta
Marilisa Cunha Cardoso
Diretora de Relações
Institucionais
Cristina Naumovs
Diretora de Comunicação

DIRETORA EXECUTIVA
Gabriela Moulin

DIRETOR ARTÍSTICO
Paulo Miyada

**DIRETOR DE FINANÇAS
E OPERAÇÕES**
Fábio Santiago

CONSELHO FISCAL
Miguel Gutierrez
Patricia Regina
Verderesi Schindler
Sérgio Massao Miyazaki

ASSOCIADOS
Antonio de Souza
Corrêa Meyer
Aurea Leszczynski
Vieira Gonçalves
Clovís Hideaki Ikeda
Fernando Gomes
de Moraes
Fernando Shimidt
de Paula
Flavia Buarque
de Almeida
Frances Reynolds
Inês Mindlin Lafer
Jandaraci Ferreira
de Araujo
Liliane Cássia Rocha
dos Santos
Marlui Nobrega Miranda
Renata Carvalho
Beltrão C. Biselli
Renata Vieira da Motta
Ricardo Garin
Ribeiro Simon
Ricardo Ohtake
Roberto Miranda de Lima
Tito Enrique da
Silva Neto
Walter Appel

DIRETORIA EXECUTIVA
Gabriela Moulin
Diretora Executiva
Maria de Fátima Rocha
Secretária Executiva

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS
E PROJETOS INCENTIVADOS**
Julia Puglia Bergamasco
Gerente Executiva
de Captação de
Recursos e Projetos
Jéssica dos Santos
Gonçalves
Coordenadora de
Novos Negócios
Luana Andréa Machado
Cavalcanti
Coordenadora de
Projetos e Incentivos
Alailson de Melo Brito
Analista de
Novos Negócios
Felipe Salles Silva
Analista de
Novos Negócios
Giovanna Conceição
Assistente de
Novos Negócios
Jovana Santana
Basilio da Silva
Assistente
de Captação de
Recursos PJ

DESIGN
Vitor Cesar
Superintendente
de Design
Catê Bloise
Designer
Tie Ito
Estagiária

EDITORIAL
Divina Prado
Especialista
em Editoração
Felipe Carnevalli
Especialista
em Editoração

COMUNICAÇÃO

Amanda Sammour
Gerente de Comunicação
Amanda Dias de Almeida
Analista de
Comunicação Sênior
Martim Pelisson
Assessor de Imprensa
Ricardo Miyada
Audiovisual
Sarah Lidice
Alfenas Moreira
Assistente
de Comunicação

DIRETORIA ARTÍSTICA

Paulo Miyada
Diretor Artístico
Ana Roman
Superintendente
Artística

CURADORIA

Catalina Bergues
Lahayda Lohara
Mamami Poma
Sabrina Fontenele

PRODUÇÃO

Carolina Pasinato
Gerente de Produção
Rodolfo Borbel
Pitarello
Coordenador de Montagem
André Luiz Bella
Produtor
Maria Fernanda
Bonfante Rosalem
Produtora
Pedro Lemme
Produtor
Victor Ferraz
Produtor
Tamara da Silva Pereira
Aprendiz

ARQUITETURA

Ligia Zilbersztejn
Arquiteta
Rian Tito da Costa
Estagiário

EDUCAÇÃO

Lilian L'Abbate Kelian
Superintendente
de Educação
Mariana Per
Gerente de Educação
Cristina Kenne de Paula
Especialista em
Acessibilidade
Giselle Vitor da Rocha
Especialista em
Educação e Territórios
Mariana Galender
Assessora de Pesquisa
e Sistematização
Leo Laura Carvalho
Sartoreli
Educadora
Maria Trindade
Educadora
Thamata Barbosa
Produtora

DIRETORIA FINANCEIRA
E DE OPERAÇÕES
Fábio Santiago
Diretor de Finanças
e Operações

PLANEJAMENTO

Fernanda de Lima
Beraldi
Gerente de Planejamento
e Processos

FINANCEIRO

Yasmin Tavares Lima
Coordenadora Financeira
Luciano Santos Barbosa
Analista Financeiro
Tarcísio Barbosa
Analista Financeiro
Júnior

RECURSOS HUMANOS

Tatiane Romani
Analista de
Recursos Humanos
Vitória Gomes
Estagiária

SUORTE DE TI

Wesley Silva
Analista de TI

JURÍDICO

Escritório BS&A
Mei Jou
Advogada
Sofia Cavalcante
Advogada

OPERACIONAL

Marcos Sutani
Coordenador
Samuel Luiz Costa Sena
Supervisor
Alessandro Nóbrega
de Oliveira
Assistente
Administrativo

APOIO

Cristiane Aparecida
Santos
Darc Kenylce
Rebouças Paiva
Terceirizada
Edson José Dias
Terceirizado
Elza Martins Santos
Fábio Antonio de Araújo
Fábio Freire Barboza
Terceirizado
Gilliard Gabriel
da Silva
Terceirizado
Jonas Pires Gomes Costa
Lucas Pires da Silva
Terceirizado
Marcelo Mariano
de Oliveira
Margarete Oliveira
Maria das Graças
Inacio dos Reis
Terceirizada
Marleide Soares
da Costa
Terceirizada
Mid Per dona
Terceirizado
Patrícia Pereira
Terceirizada
Tainara de Jesus Veloso

LIMPEZA

Ana Paula da Silva

Terceirizada

Ivanilda Pereira Santos

Terceirizada

Jairo do Nascimento

Sebastião Alves Silva

MANUTENÇÃO TÉCNICA

Adilson Oliveira

Jacildo Antonio de Paula

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br.

© Instituto Tomie Ohtake

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Complexo Aché Cultural

Rua Coropés, 88 - 05426-010

Pinheiros - São Paulo

(11) 2245-1900

www.institutotomieohtake.org.br

instituto@institutotomieohtake.org.br

2025

Mantenedor Institucional



Cota bronze



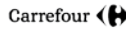
Cota apoio



Organização



Comitê de patrocinadores da Temporada Brasil-França



Acesso Tomie



Apoio Institucional



Center for Art
Research and Alliance



Apoio de mídia



**Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)**
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, José Eduardo Ferreira
Inventar-inventário : cartas para
Édouard Glissant / José Eduardo Ferreira Santos.
-- 1. ed. -- São Paulo :
Instituto Tomie Ohtake, 2025.

ISBN 978-65-89342-71-7

1. Cartas - Coletâneas 2. Cartas - Miscelânea
I. Título.

25-316883.0

CDD-808.86

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Coletâneas : Literatura 808.86
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN 978-65-89342-71-7



Escritas durante a residência artística de José Eduardo Ferreira Santos na Maison du Diamant [Casa do Diamante], na Martinica, as cartas reunidas neste livro constituem um corpo de pensamento e invenção em diálogo com o filósofo e poeta Édouard Glissant. Junto da artista Rayana Rayo, José Eduardo viveu dias de trabalho e escuta na casa de Glissant, tecendo correspondências entre o quintal da Martinica e o quintal do Acervo da Laje, em Salvador. Em cada uma das cartas, José Eduardo escreve a Glissant como quem conversa com um amigo, descrevendo a chegada à Martinica como uma travessia física e espiritual.